



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH III)
JORNALISMO EM MULTIMEIOS

ANA CLARA DA SILVA OLIVEIRA

**O PROTAGONISMO FEMININO DAS LÍDERES ALIMENTADEIRAS DAS ALMAS
DE JUAZEIRO / BA**

JUAZEIRO/BA

2025

ANA CLARA DA SILVA OLIVEIRA

**O PROTAGONISMO FEMININO DAS LÍDERES DE ALIMENTADEIRAS DAS
ALMAS DE JUAZEIRO / BA**

Memorial descritivo apresentado ao Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Multimeios.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Céres Santos.

JUAZEIRO/BA

2025


ANA CLARA DA SILVA OLIVEIRA

**O PROTAGONISMO FEMININO DAS LÍDERES DE ALIMENTADEIRAS DAS
ALMAS DE JUAZEIRO / BA**


Memorial analítico e descritivo apresentado ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro - BA, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Multimeios.

Data de aprovação: 13/01/2025


BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 CERES MARISA SILVA DOS SANTOS
Data: 10/03/2025 20:31:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Dra. Céres Marisa Silva dos Santos (Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus Juazeiro)

Documento assinado digitalmente
 DALILA CARLA DOS SANTOS
Data: 10/03/2025 22:03:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Dra. Dalila Carla dos Santos (Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 CECILIO RICARDO DE CARVALHO BASTOS
Data: 10/03/2025 10:01:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profº Dr. Cecílio Ricardo de Carvalho Bastos (Examinador)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus Juazeiro)

JUAZEIRO/BA
2025

"Encontrei nossa senhora lá na beira de um rio, lavando seus bentos
pés. Lava, vá três vezes, lava, vá."

(Carlos Vicente)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar este agradecimento expressando minha imensa gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. À minha mãe, Irismar, que sempre me ofereceu palavras de apoio, positividade e o amor incondicional de mãe, sustentando-me nos momentos mais desafiadores.

À minha segunda mãe, minha avó Elizabeth, que, com sua sabedoria e incentivo, me mostrou que jamais deveria desistir. À minha tia Lorena, que, com sua força e encorajamento, foi fundamental nos momentos em que achei que não conseguiria continuar. Ao meu avô Geraldo e ao meu pai, que sempre se esforçaram para me ajudar, oferecendo palavras de incentivo e, acima de tudo, nunca desistiram de mim. Aos meus irmãos, Alan, Clariane, Isabela e Arthur, pelo carinho e por estarem sempre ao meu lado, assim como à minha sobrinha Louise. Ao meu tio Zé Clei, pela presença constante e apoio. À minha avó Simone, que infelizmente partiu para o outro plano, mas deixou uma imensa saudade e um legado de amor.

À Dona Nenezinha, à Dona Ovídia e a todos os seus familiares, pelo carinho e apoio incondicional. Aos meus amigos de dentro e fora da universidade, e aos colegas que me acompanharam nesses anos de jornada acadêmica. Agradeço também à Glicia Barbosa pela ajuda na diagramação e por todo apoio emocional e companheirismo. E, por fim, agradeço às santas almas por me permitir a oportunidade de estudar e realizar a pesquisa deste tema. A todos, meu sincero agradecimento.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de Participantes.....	35
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mockup da capa do livro.....	47
Figura 2. Mockup da folha de rosto.....	47
Figura 3. Mockup do interior do livro.....	48
Figura 4. Mockup da penúltima página e capa final	51

RESUMO

Este memorial foi criado com o propósito de construir um fotolivro que relata a formação das lideranças femininas nos cordões das Alimentadeiras das Almas, destacando as figuras de Dona Ovídia e Dona Jesulene. Para atingir essa finalidade, foram delineados objetivos específicos que orientaram a pesquisa, como desenvolver os perfis biográficos dessas duas mulheres, destacando suas trajetórias e experiências que moldaram suas lideranças ao longo do tempo, além de analisar suas narrativas sobre o surgimento da liderança dentro dos cordões e entender como elas se veem como líderes nesse contexto. Outro objetivo foi investigar o impacto dessas lideranças femininas na construção e transmissão da cultura local. Para tanto, a pesquisa se apoiou, teoricamente, nos conceitos de protagonismo feminino, gênero, sincretismo religioso e multiculturalismo, com base em autores como Mary Daly, Rita Gross, Judith Butler e Stuart Hall. Na metodologia, adotou-se a pesquisa qualitativa, buscando documentar os aspectos da liderança dessas mulheres por meio de um fotolivro em preto e branco com 37 fotografias, incluindo entrevistas semi-estruturadas, fotoetnografia e referências a autores como Marshall & Rossman, Creswell, Sebastião Salgado, Walter Benjamin, Guy Veloso e Michael Freeman. Assim, além de documentar as trajetórias dessas líderes, a pesquisa promoveu uma reflexão sobre o papel das mulheres na cultura regional e a importância do reconhecimento de suas contribuições para a sociedade.

Palavras-chave: Alimentadeiras das Almas; Protagonismo feminino; Gênero; Fotolivro; Fotoetnografia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	10
2. BASES CONCEITUAIS E REFERENCIAIS DO ESTUDO.	15
2.1 Protagonismo feminino	15
2.2 Gênero	17
2.3 Sincretismo religioso.....	18
2.4 Multiculturalismo.....	20
2.5 Fotografia em preto e branco.....	22
3. METODOLOGIA.	24
4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	32
4.1 Jesulene: Guardiã da tradição das alimentadeiras e da fé de Juazeiro.....	35
4.2 Ovídia: Guardiã das Tradições e Fé na Comunidade Quilombola do Rodeadouro.....	37
4.3 Momentos fotográficos e seleção das imagens.....	40
4.4 Seleção das fotografias	41
4.5 Tratamento das imagens.	42
4.6 Fotolivro.	43
4.7 Diagramação.	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	52
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	55
APÊNDICES.	58

1. INTRODUÇÃO

A escolha desta pesquisa é profundamente pessoal e está enraizada em minha trajetória de vida, que começou na infância, aos sete anos, quando iniciei minha peregrinação no cordão comandado por minha bisavó, Sra. Rosa Maria de Jesus. Essa vivência inicial não apenas moldou minha identidade pessoal, cultural e religiosa, mas também despertou em mim uma paixão duradoura pelas tradições que permeiam a minha família.

Após o falecimento de minha bisavó em 2013, o grupo que ela liderava se desfez, levando-me a buscar continuidade no cordão "Atrás da Banca", sob a liderança de Dona Jesulene, onde permaneci por seis anos. A influência familiar sempre foi marcante em minha jornada; meu avô (marido de minha avó) era madeirista¹ do cordão de minha bisavó e, tanto minha avó, Elizabete Ferreira (filha de Dona Rosa), quanto minha tia Lorena dos Santos (filha de Elizabete), também faziam parte desse grupo. Com o tempo, minha avó assumiu a liderança do cordão nos anos em que minha bisavó não pôde mais participar, o que me fez perceber a fragilidade que cercava essa tradição e a inevitável transição que se aproximava.

Crescendo em um ambiente onde a devoção era uma prática familiar, fui incentivada a acompanhar e participar das celebrações. Contudo, com o passar dos anos, essa participação evoluiu de uma promessa para uma grande admiração pelas santas almas benditas, na qual permaneço em devoção. Sempre almejei um registro que contemplasse o perfil dessas mulheres que sempre acompanhei na minha jornada.

Rosa Maria de Jesus era uma mulher negra, analfabeta e umbandista, respeitada tanto dentro quanto fora dos cordões, entre homens e mulheres. Sua força, presença e luta me inspiraram ao longo da vida. Aos 19 anos, ingressei no curso de Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 2018, buscando encontrar meu propósito enquanto neta, filha e futura jornalista.

Conhecidos como “Penitentes”, “Encomendadores”, “Recomendadores”, “Alimentadores” ou “Irmãos das Almas”, de acordo com Guy Veloso (2019), constituem organizações espontâneas, laicas, místicas, de modo geral, secretas, fundamentadas em base familiar e detentoras de autoridade e liturgia próprias, que saem noite adentro em peregrinação pelos “espíritos sofredores”. Em quase toda a peregrinação as Alimentadeiras

¹ "Madeirista" é o termo usado para designar a pessoa que carrega o "madeiro", ou seja, a cruz, durante as penitências. Este papel pode ser desempenhado por um guia ou por alguém escolhido para essa função, simbolizando a devoção e o sacrifício.

sempre escondem suas identidades com mortalhas², visitando cemitérios, cruzeiros³, capelas e outras localidades específicas onde houve mortes violentas, essa prática é realizada durante a Quaresma e Semana Santa, com realizações de desfiles em filas indianas ao som da matraca⁴. A partir da quarta-feira de cinzas, o cordão sai toda segunda, quarta e sexta-feiras.

Sua origem, segundo Veloso (2019), remete ao período medieval europeu. Difundiu-se, aceleradamente pelo mundo, e persistiu por séculos, consistindo em uma tradição com muitos mistérios. De acordo com Veloso (2019), no Brasil, é no contexto da colonização que essa tradição ancora, seu aparecimento no Brasil deve-se também às diversas ordens monásticas católicas como os Jesuítas, Franciscanos e Capuchinhos nos séculos XVII e XVIII, além de líderes como Padre Cícero (séc. XX) e, ao integrar a diversidade religiosa deste país continental, multiétnico. Trata-se, portanto, de um “Catolicismo popular”, uma manifestação herdada do seio apostólico romano transmitido oralmente por gerações.

Ao abordar essa temática focada na liderança que envolve o perfil dessas duas mulheres chefes desses cordões e seu fundamento diante as gerações passadas de mulheres para mulheres, é necessário analisar o contexto histórico e social no qual a participação ativa das líderes nessas manifestações religiosas se desenvolveu. No decorrer dos séculos, as mulheres enfrentaram diversos desafios e restrições, sendo excluídas de espaços de liderança e poder dentro das instituições religiosas.

Daly (1973) em sua obra “Além de Deus o Pai: para uma filosofia de liberdade feminina”, argumenta que a visão tradicional das religiões monoteístas coloca Deus como uma figura masculina, reforçando assim a subordinação das mulheres. Criticando o patriarcado presente nas estruturas religiosas e afirmando que as mulheres são frequentemente excluídas de papéis de liderança e de representação divina.

No entanto, ao longo do tempo, as mulheres passaram a assumir um papel central nessa manifestação, liderando as cerimônias, conduzindo as orações e coordenando as atividades penitenciais. Esse protagonismo é reflexo de um contexto histórico e social em que a participação ativa das mulheres em cultos religiosos desafiava as estruturas patriarcais.

Atualmente, ao observar a realidade das alimentadeiras em Juazeiro/BA em um

²“Mortalha” – A vestimenta das Alimentadeiras de Almas é composta por uma mortalha, confeccionada com um tecido fino, preferencialmente de algodão; uma anágua comprida com elástico na cintura; um lençol branco que é apoiado na cabeça e preso por um broche na direção do pescoço. Por cima da cintura, há um cordão de São Francisco, também branco, que deixa apenas os olhos à mostra para enxergar.

³ “Cruzeiros” são os locais onde as santas almas fazem e recebem orações. Geralmente, eles são encontrados dentro de cemitérios ou em frente a igrejas católicas. Nesses locais, são estações para que as Alimentadeiras acendam velas a fim de iluminar os desencarnados.

⁴ “Matraca” é uma espécie de pequena tabuinha com arcos de ferro que se agitam produzindo certo som, que chama a atenção.

contexto onde apenas duas mulheres permanecem à frente dessa tradição, sinto um profundo pesar pelo apagamento dessa linda manifestação e herança cultural que acompanhou minha infância e adolescência. Sempre me questionei sobre o passado e os desafios enfrentados pelas líderes das Alimentadeiras das Almas, que resistem em liderança nos cultos de manifestação religiosa. É notável como as mulheres sempre foram respeitadas como líderes nesse âmbito.

O objetivo geral deste trabalho é identificar como se formaram as lideranças femininas dentro dos cordões das Alimentadeiras das Almas de Dona Ovídia e Dona Jesulene, analisando os desafios enfrentados por essas mulheres. Além disso, é importante considerar as transformações provocadas pela urbanização e pelo desenvolvimento local, como o asfaltamento da Rodovia Salitre e a melhoria do sistema viário local, que limitam a atuação dessa tradição na comunidade quilombola do Rodeadouro, distrito de Juazeiro/BA.

Essas mudanças não apenas afetam a dinâmica social da comunidade, mas também, impõem novos desafios a esses cordões que precisam adaptar suas tradições com as exigências do mundo moderno. Muitas vezes, torna-se difícil para essas mulheres manterem suas práticas vivas, levando ao risco de descontinuidade dessa herança.

Para alcançar essa finalidade, foi essencial desenvolver objetivos específicos que orientassem a pesquisa de maneira estruturada. Um dos objetivos específicos é desenvolver os perfis biográficos dessas duas mulheres. Essa abordagem permitiu destacar suas trajetórias, contribuindo para a compreensão de como suas experiências moldaram suas lideranças ao longo do tempo. O segundo objetivo foi analisar as narrativas dessas mulheres sobre o surgimento e a evolução da liderança dentro dos cordões. Através de entrevistas e depoimentos, serão exploradas suas percepções e reflexões sobre seu papel e impacto na comunidade.

É fundamental identificar como a tradição dessas lideranças foi transmitida de geração em geração por mulheres. Esse aspecto é enfatizado por meio da coleta de depoimentos. Esses objetivos específicos visam proporcionar uma visão detalhada da realidade enfrentada por essas mulheres, permitindo um entendimento mais profundo do papel da liderança feminina nos cordões das Alimentadeiras.

Este estudo é motivado também pela carência de estudos acadêmicos que abordam o perfil dessas mulheres, evidenciando a falta de pesquisas que destacam essas líderes como figuras proeminentes, defensoras e propagadoras de uma cultura regional. Além disso, busco enfatizar a relevância dessas lideranças no contexto das expressões culturais e religiosas para a identidade local da cidade.

Ao fazer um estudo da arte, localizei três artigos pesquisando no *site* da CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), usando as seguintes palavras-chave: penitentes, Catolicismo, cultura popular e Alimentadeiras das Almas, nos anos de 2007, 2017 e 2019. Ao analisar esses trabalhos, constatei que eles não se concentram no protagonismo das mulheres, mas sim em grupos diversos como um todo e no seu processo histórico nas regiões do Brasil. Nota-se que este projeto se distingue dos demais pelo fato de direcionar seu enfoque para o perfil dessas duas mulheres dentro dos seus cordões e tradições.

Este enfoque é fundamental, pois permite uma compreensão mais aprofundada das contribuições individuais dessas figuras para a cultura popular brasileira. Observa-se que enquanto os artigos localizados na pesquisa on-line, abordam a temática de maneira ampla, muitas vezes deixando em segundo plano as experiências e perspectivas das mulheres que atuam como líderes. Neste estudo busquei resgatar as histórias das mulheres que desempenham um papel essencial nas práticas religiosas, mas também portadoras de saberes e tradições que refletem a riqueza da cultura local, ao destacar suas trajetórias e representações na construção da identidade cultural.

Esta pesquisa buscou documentar os aspectos da liderança dessas mulheres por meio da elaboração de um Fotolivro, utilizando uma abordagem qualitativa que incluiu entrevistas semiestruturadas para captar experiências e narrativas, além de inserir a fotoetnografia como metodologia. A escolha pela fotografia em preto e branco foi intencional e fundamentada em várias razões. Destaco ainda que este foi o primeiro estudo acadêmico a focar no protagonismo feminino dessas mulheres dentro dos cordões de Alimentadeiras das Almas de Juazeiro - BA.

O fotolivro está dividido em seis capítulos, cada um abordando aspectos específicos das tradições e objetos simbólicos relacionados aos cordões. No primeiro capítulo, intitulado "Matraca", são apresentadas imagens de um instrumento de tamanho pequeno, composto por uma tabuinha movediça com arcos de ferro. Quando agitado, o instrumento produz um barulho característico que chama a atenção. A sequência fotográfica deste capítulo é composta por três imagens, destacando as semelhanças e diferenças entre duas matracas, ambas com o mesmo objetivo: o som. Na última fotografia, é destacada a matraca mais antiga, que atualmente encontra-se sobre uma prateleira, ao lado do madeiro, em um quarto onde são armazenadas as roupas e velas dos penitentes. Esta matraca, que não foi entregue ao

seu chefe de cordão após o falecimento de seu proprietário, não é mais utilizada.

No segundo capítulo, denominado "Mortalha", a sequência fotográfica também é composta por três imagens, focando nas vestimentas usadas pelas Alimentadeiras, especialmente nas peças que formam a mortalha. As imagens seguem uma ordem estratégica e incluem uma comparação das diferenças nos instrumentos de penitência usados por cada cordão. As três peças principais da mortalha são destacadas: o pano branco, o cordão, que é usado ao redor da cintura em homenagem a São Francisco de Assis, e o broche, que segura o pano embaixo da garganta, formando uma capela que cobre o rosto.

O terceiro capítulo, intitulado "Madeiro", apresenta imagens da cruz carregada pelos dois cordões. Uma cruz tem as pontas pintadas de prata e é acompanhada por um pano com o rosto de Jesus Cristo, enquanto a cruz do outro cordão possui pontas triangulares de cor preta e um lenço branco em volta da madeira. As imagens evidenciam as diferenças dos madeiros, simbolizando as particularidades de cada grupo.

O quarto capítulo, "Alimentadeiras", é voltado para os cordões em geral, com destaque para o cordão de trás da banca, em Juazeiro/BA, de Jesulene e o cordão da comunidade quilombola do Rodeadouro, de Ovídia. Este capítulo é composto por uma sequência de 16 fotos, sendo oito de cada cordão, e busca ilustrar as semelhanças entre os dois grupos, além de mostrar a interação entre eles durante o período de devoção.

No penúltimo capítulo, "Nenezinha", são apresentadas cinco imagens que registram os momentos em que ela acompanha seu cordão. As fotos foram feitas em diferentes locais, como o Cruzeiro da Penha, o Cemitério Municipal e a residência de Nenezinha, no momento de finalização da Quaresma. Apesar de ser uma das líderes, ela não segue a tradição de vestir a mortalha e não sai por dentro do cordão. Este capítulo busca mostrar a jornada pessoal e devocional de Nenezinha durante o período sagrado.

Por fim, o sexto e último capítulo, "Ovídia", é composto por cinco fotos, sendo quatro imagens individuais e uma em grupo. O foco principal também está em Ovídia, que, embora seja uma das líderes, segue a tradição vestindo a mortalha e carregando a matraca dentro do seu cordão de forma espontânea. Essa diferença é registrada nas imagens, destacando a singularidade de sua participação, já que ela se encontra dentro do grupo, ao contrário de Nenezinha que lidera fora do cordão, não vestida com a mortalha, mas ainda assim integrando o ritual de forma singular.

2. BASES CONCEITUAIS E REFERENCIAIS DO ESTUDO

O encabeçar desta pesquisa baseia-se na compreensão de conceitos fundamentais, como protagonismo feminino, gênero, sincretismo religioso, multiculturalismo e fotografia em preto e branco, que são essenciais para o desenvolvimento e a fundamentação teórica do estudo. Esses conceitos são a base para a estruturação do projeto, permitindo a consolidação do trabalho antes de sua implementação em campo. A revisão de autores que dialogam com esses temas também é importante para embasar os objetivos gerais e específicos da pesquisa.

Dentro desse contexto, surgem questões centrais que orientam a pesquisa: Quem são as lideranças femininas nos cordões das Alimentadeiras das Almas? Esse questionamento visa identificar e compreender as trajetórias de Dona Ovídia e Dona Jesulene, figuras-chave da pesquisa, e entender como suas experiências as levaram a ocupar papéis de liderança nessas práticas culturais e religiosas. Além disso, a pesquisa explora como essas lideranças se formam ao longo do tempo, analisando os fatores e eventos que possibilitam a ascensão dessas mulheres. Por fim, busca-se entender qual o impacto dessas lideranças femininas na construção e transmissão da cultura local, evidenciando a influência dessas mulheres no fortalecimento da identidade cultural da comunidade.

2.1 PROTAGONISMO FEMININO

O protagonismo feminino tem sido um tema de grande relevância nos estudos relacionados à igualdade de gênero e à luta pela visibilidade das mulheres em diversas esferas da sociedade. No contexto da religião e da cultura popular, a presença das líderes de Alimentadeiras das Almas em Juazeiro/Bahia, destaca-se como um exemplo do papel ativo desempenhado por mulheres nas manifestações e tradições religiosas.

A teoria feminista, através de diversas autoras renomadas, oferece contribuições fundamentais para a compreensão do papel das líderes, dentro do contexto religioso e cultural. A perspectiva evidencia a necessidade de analisar as questões de gênero e como elas se entrelaçam com os aspectos culturais e religiosos.

O feminismo surgiu como um movimento social e político no século XIX, com o objetivo de lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Segundo Mary Daly (1978), filósofa e teóloga feminista, o feminismo busca "despertar consciências, criar teorias e promover práticas de libertação das mulheres" (Daly, 1978, p. 20). Esse protagonismo feminino nas esferas religiosas não se limita à reivindicação de espaço; ele também envolve a construção de uma espiritualidade que seja inclusiva e representativa.

Historicamente marginalizada em comparação à prática religiosa masculina, a prática religiosa feminina remonta a tempos antigos, com a adoração de deusas e divindades femininas, e é frequentemente associada à natureza cíclica da vida, representada por fenômenos como menstruação, gestação e nascimento. Tradicionalmente, é vista como uma fonte de criatividade, intuição e cura. Além disso, a busca pelo sagrado feminino pode envolver práticas e celebrações, enquanto também reflete questões de empoderamento e igualdade de gênero, desafiando as opressões históricas impostas às mulheres em nome da religião.

Nos dias atuais, movimentos contemporâneos têm se dedicado a resgatar e fortalecer a prática religiosa feminina, criando espaços seguros onde as mulheres possam explorar sua conexão com o sagrado. Na antiguidade, diversas culturas e religiões reverenciavam o feminino através de deusas e figuras espirituais femininas, associando-o à sabedoria, ao poder espiritual e à ligação com o transcendente. Contudo, com o passar do tempo, muitas dessas tradições foram suprimidas, e o papel das mulheres foi diminuído. No entanto, recentemente, tem-se observado um movimento crescente de resgate desse papel, com o reconhecimento do potencial feminino. Esse processo também envolve o estudo das deusas ancestrais, cujas características continuam a inspirar e orientar a busca espiritual.

Rita Gross (1996), destaca a importância do feminismo na religião, argumentando que as mulheres têm sido excluídas e invisibilizadas em tradições religiosas patriarcais, e que o feminismo oferece uma nova perspectiva e empoderamento para as mulheres (Gross, 1996, p. 12). Neste contexto, essa invisibilidade religiosa das mulheres refere-se ao fenômeno em que suas contribuições e experiências são frequentemente apagadas ou minimizadas dentro das narrativas e práticas religiosas. Muitas tradições religiosas, especialmente as que têm raízes patriarcais, tendem a marginalizar as mulheres, relegando-as a papéis secundários ou não reconhecendo sua importância nas esferas de liderança.

Rita Gross (1996), em sua análise, aponta que a exclusão das mulheres das narrativas religiosas não é apenas um reflexo da sociedade patriarcal, mas também uma forma de perpetuação dessa estrutura. Ao omitir ou distorcer as contribuições femininas às tradições religiosas, cria-se um ciclo que reforça a ideia de que as mulheres não têm um papel significativo no âmbito religioso. Essa invisibilidade é especialmente notável em textos sagrados e nas interpretações dominantes que, muitas vezes, ignoram ou minimizam a importância das figuras femininas. Essa exclusão perpetua a ideia de que os homens são os

detentores do conhecimento sagrado e da autoridade moral, enquanto as mulheres são vistas como meras seguidoras ou apoiadoras.

No contexto das líderes de Alimentadeiras das Almas, é notório uma subversão desse padrão. Essas mulheres não apenas participam ativamente da vida religiosa, mas também desempenham funções essenciais como líderes. Esse protagonismo é uma forma de resistência que busca reescrever as narrativas religiosas e incluir perspectivas femininas.

Portanto, a partir da leitura do livro *Feminismo e Religião*, da autora Rita Gross (1996), o protagonismo feminino se configura como uma forma de resistência, que busca reescrever as narrativas religiosas ao reconhecer e afirmar o papel das mulheres nesse contexto. Ao exercerem sua liderança de maneira visível e respeitada, essas mulheres desafiam a invisibilidade historicamente imposta a elas, ao mesmo tempo em que reconstróem uma prática religiosa que reflete suas próprias experiências e identidades. Essa luta por reconhecimento e visibilidade está vinculada a um movimento mais amplo de transformação das estruturas de poder, que visa a construção de um mundo mais igualitário para as mulheres, especialmente em contextos nos quais sua presença foi historicamente sub-representada. Em suma, essa invisibilidade é um problema complexo que se entrelaça com questões mais amplas de gênero e poder.

2.2 GÊNERO

Nesta pesquisa, o gênero é um conceito fundamental para compreender as dinâmicas de poder e as desigualdades sociais entre homens e mulheres. De acordo com Judith Butler (1990), teórica e filósofa, o gênero não é uma característica inata, mas sim uma construção social e cultural que impõe normas e expectativas sobre como homens e mulheres devem se comportar (Butler, 1990, p. 25). No contexto religioso, o gênero desempenha um papel importante na determinação dos papéis e das posições de liderança atribuídas às mulheres.

O gênero, conforme elucidado por Judith Butler (1990), é uma construção social que transcende a biologia. Essa perspectiva nos leva a entender que as categorias de "masculino" e "feminino" não são fixas, mas sim moldadas por normas sociais que variam ao longo do tempo e entre diferentes culturas. Essa construção social implica que as expectativas em relação ao comportamento, aparência e papéis sociais de homens e mulheres são determinadas por contextos históricos e culturais específicos. Em outras palavras, o que se considera "apropriado" para cada gênero pode mudar conforme as transformações sociais e políticas.

No contexto religioso, essa construção de gênero se manifesta de maneira,

particularmente intrigante. Muitas tradições religiosas possuem interpretações que reforçam papéis tradicionais para homens e mulheres, frequentemente limitando a participação das mulheres em posições de liderança. No entanto, quando mulheres começam a ocupar essas posições, elas não apenas desafiam essas normas, mas também promovem uma reinterpretação das doutrinas religiosas. Essa luta é emblemática da resistência contra estruturas patriarcais mais amplas que permeiam não apenas as instituições religiosas, mas também a sociedade como um todo.

A autora Ivone Gebara (2017) afirma que as religiões 'contêm algo profundamente feminino, quase matricêntrico, que é a preocupação com o bem-estar das pessoas e com a superação do sofrimento [...] A religião, em sua base originária, é materna, protetora e aconchegante'. Essa afirmação reveste-se de grande importância, pois nos permite compreender as razões pelas quais as mulheres se conectam com as religiões e suas práticas, e como vivenciam sua espiritualidade. Em diversas tradições religiosas, as mulheres 'se sentem 'em casa', como se revivessem uma memória antiga' (Gebara, 2000, p. 102), reforçando a ideia de que, historicamente, a religiosidade feminina está intimamente ligada ao cuidado, à proteção e à acolhida, atributos frequentemente associados ao feminino.

Esse vínculo íntimo entre o feminino e o sagrado se manifesta, também, no fenômeno do sincretismo religioso, que surge da fusão e adaptação de diferentes tradições religiosas, criando uma prática que, muitas vezes, reflete a necessidade de integrar diversos elementos espirituais e culturais. O sincretismo, ao incorporar aspectos de várias crenças, permite que as mulheres, em especial, encontrem formas de expressar suas devoções e práticas religiosas de maneira que ressoem com suas experiências e identidades, muitas vezes criando novos caminhos para o exercício do protagonismo feminino nas práticas religiosas.

2.3 SINCRETISMO RELIGIOSO

O sincretismo religioso no Brasil é um fenômeno dinâmico de fusão e adaptação de diversas crenças e práticas. Ele se manifesta de maneira diversificada, especialmente nas manifestações religiosas populares, como as Alimentadeiras das Almas no Vale do São Francisco. Ao explorar o conceito de sincretismo, é importante mencionar estudiosos como Stuart Hall (2006), que argumenta que o sincretismo é uma estratégia adotada por grupos oprimidos para preservar suas tradições e crenças, enquanto absorvem elementos das culturas dominantes. Hall explica que o sincretismo não é apenas uma fusão de crenças, mas um

processo contínuo onde as culturas interagem e se transformam mutuamente. Essa troca pode ser vista em diversas práticas religiosas, festividades e músicas, onde elementos de diferentes tradições se entrelaçam, gerando novas expressões culturais.

Após a leitura do artigo de Caetano (2016), que discute o sincretismo religioso como um fenômeno importante na história das populações negras escravizadas no Brasil, especialmente no contexto da interação entre as religiões africanas e o catolicismo dos senhores de engenho, pode-se entender que o sincretismo permitiu aos negros preservar suas práticas religiosas disfarçadas de práticas católicas. Essa adaptação foi uma estratégia de resistência e sobrevivência diante da dominação escravocrata. Dessa forma, o sincretismo é visto como uma estratégia temporária, uma forma de mascarar as práticas culturais e religiosas africanas para evitar a repressão dos senhores.

A prática das Alimentadeiras das Almas exemplifica esse processo sincrético. Elas combinam elementos do Catolicismo com rituais populares, como o culto aos mortos, a Quaresma e a Semana Santa. Embora influenciadas pela tradição cristã, essas práticas representam uma tradição própria, adaptada ao contexto cultural e religioso da região, transcendendo o Catolicismo tradicional. A prática de "alimentar as almas", que tem suas raízes no Catolicismo, adquire novos significados à medida que se mistura com os elementos culturais locais, criando um espaço onde o sagrado e o profano se entrelaçam.

Esses grupos, em sua maioria compostos por lideranças femininas, desempenham papel importante na manutenção e transmissão dessas práticas religiosas. Elas se tornam guardiãs das tradições religiosas e culturais, além de promotoras da coesão social nas comunidades em que atuam. As práticas orais, passadas de geração em geração, e as peregrinações realizadas durante esses períodos de devoção evidenciam como as mulheres moldam e adaptam os rituais, carregando-os de significados próprios que refletem a realidade local.

Esse processo de adaptação e transformação das práticas é um exemplo claro de sincretismo religioso. A prática de "alimentar as almas", por exemplo, adquire uma nova dimensão ao se entrelaçar com as tradições culturais da região, representando uma forma de afirmação da identidade local, especialmente diante da imposição de padrões religiosos dominantes, como o Catolicismo.

Portanto, o sincretismo religioso presente nas práticas das Alimentadeiras não é um

fenômeno estático, mas sim um processo contínuo de adaptação, resistência e transformação. Ele é marcado pela integração do Catolicismo com as particularidades culturais e religiosas das comunidades do Vale do São Francisco. As mulheres líderes desempenham um papel essencial, mantendo essas tradições vivas e criando novos significados por meio do sincretismo, refletindo a pluralidade religiosa e cultural do Brasil. Esse processo de fusão de diferentes práticas e crenças exemplifica o multiculturalismo, que celebra a convivência de diversas culturas, religiões e identidades, reconhecendo a complexidade e a diversidade das tradições locais.

2.4 MULTICULTURALISMO

Nesse contexto, o multiculturalismo também desempenha um papel importante nessa pesquisa ao considerar a diversidade de culturas, tradições e crenças presentes na sociedade brasileira. No entanto, é necessário destacar que o multiculturalismo não deve ser entendido como um conceito neutro ou isento de problemas. O multiculturalismo também pode ser criticado por algumas correntes teóricas, como a teoria feminista pós-colonial, por perpetuar desigualdades e injustiças, ao não dar conta das hierarquias de poder envolvidas.

No caso das líderes de Alimentadeiras das Almas, é fundamental levar em consideração as dinâmicas de poder presentes dentro dessa tradição religiosa. Embora essas mulheres ocupem posições de liderança e exerçam influência nas tradições religiosas, é importante questionar se essas lideranças estão sujeitas à marginalização ou mesmo à cooptação por estruturas patriarcais mais amplas.

Também é relevante ponderar sobre como as líderes podem enfrentar desafios e discriminação, não apenas dentro das tradições religiosas, mas também em uma sociedade onde práticas religiosas são historicamente marginalizadas e estigmatizadas. O multiculturalismo deve, portanto, ser analisado criticamente, levando em consideração as hierarquias de poder e as desigualdades que ainda permeiam a sociedade e as manifestações culturais.

Em resumo, a análise do protagonismo feminino nas tradições religiosas das Alimentadeiras das Almas em Juazeiro, Bahia, contribui para o entendimento das relações de poder, gênero e religião na sociedade brasileira. O papel do feminismo e do multiculturalismo se mostram relevantes nesse contexto, ao destacar a importância e as perspectivas e experiências das mulheres, além de reconhecer a diversidade cultural e religiosa presente na região.

Segundo Stuart Hall (2006), em seu livro "A Identidade Cultural na

Pós-Modernidade", a diversidade cultural não deve ser vista apenas como uma mera celebração da diferença, mas sim como um espaço de disputa e negociação de poder. Para ele, as identidades culturais são construídas através de processos de representação e significação, que estão intrinsecamente relacionados às relações sociais e às estruturas de poder. Portanto, ao analisar as dinâmicas de poder presentes nas tradições religiosas das Alimentadeiras das Almas em Juazeiro, é importante considerar como essas lideranças femininas são influenciadas e moldadas por estruturas patriarcais mais amplas. "A construção de identidades é sempre o resultado de um processo de representação, em que a diferença é negociada e fixada" (Hall, 2006, p. 72).

A obra de Stuart Hall, "Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior" (2003), traz uma breve análise do multiculturalismo, enfatizando que o conceito não deve ser visto como algo neutro ou isento de questões sociais. Hall sugere que o multiculturalismo é um fenômeno complexo e dinâmico, que envolve uma série de estratégias e políticas adotadas para lidar com a diversidade cultural em sociedades multiculturais. Segundo Hall (2003, p. 52), o multiculturalismo refere-se a essas estratégias políticas que visam governar ou administrar os problemas gerados pela diversidade, sendo comumente utilizado no singular para designar a filosofia ou doutrina que sustenta essas estratégias.

Em sua reflexão, Hall destaca que o multiculturalismo não se limita a ser uma simples diversidade de culturas ou grupos culturais, como é frequentemente interpretado. Na verdade, ele se refere ao modo como a sociedade se organiza para integrar diferentes grupos culturais, permitindo que preservem suas identidades e culturas enquanto vivem em harmonia. O objetivo das estratégias multiculturais é, portanto, eliminar os conflitos culturais e promover a integração dos grupos para que possam conviver de maneira pacífica e justa.

No contexto brasileiro, a diversidade cultural é uma característica histórica desde a formação do país, mas o Estado brasileiro tem sido amplamente criticado pela falta de estratégias eficazes para lidar com esse fenômeno. Embora o Brasil possua uma rica herança cultural proveniente de diversos grupos, ainda há uma carência de políticas que promovam uma verdadeira integração dessas culturas. O mito da democracia racial no Brasil, por exemplo, mascara a realidade de exclusão e preconceito que persiste, especialmente contra as pessoas negras e nativas, que frequentemente vivem à margem da sociedade, enfrentando diversas formas de discriminação e marginalização.

Portanto, a análise crítica do multiculturalismo proposta por Stuart Hall nos leva a refletir sobre a necessidade de um olhar mais atento e honesto sobre as políticas de integração cultural, de modo que elas não apenas busquem a convivência pacífica, mas também tratem as desigualdades e preconceitos históricos que ainda persistem nas sociedades multiculturais.

Nesse sentido, é fundamental refletir sobre como as líderes das Alimentadeiras das Almas enfrentam esses desafios. Embora desempenhem papéis essenciais nas suas comunidades e práticas religiosas, essas mulheres ainda lidam com a discriminação, tanto dentro das próprias práticas quanto na sociedade em geral, onde a marginalização das mulheres é um problema estrutural. O multiculturalismo, ao ser aplicado às práticas das Alimentadeiras, deve ser analisado com um olhar atento a essas desigualdades, para não reforçar estereótipos ou invisibilizar questões de gênero e classe.

Essa análise precisa ser conduzida a partir de uma perspectiva crítica, que leve em consideração não apenas as hierarquias de poder existentes, mas também a pluralidade cultural e religiosa da região. A partir dessa abordagem, podemos questionar as estruturas dominantes e promover um entendimento mais inclusivo e igualitário das práticas religiosas, reconhecendo as experiências e os desafios enfrentados pelas mulheres envolvidas, sem deixar de considerar as tensões e os conflitos gerados pelo multiculturalismo e suas implicações sociais.

2.5 FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO

Minha escolha pela fotografia em preto e branco (p/b) esteve, diretamente ligada à minha condição genética, que me foi diagnosticada aos oito anos de idade: o daltonismo. Foi durante esse período que professoras, familiares e amigos perceberam que eu tinha dificuldades para distinguir certas cores, como o verde claro, o amarelo e o azul claro. Durante o exame para confirmar o diagnóstico, tive a confirmação de que essas cores, em suas tonalidades eram, praticamente outras cores para mim.

Em um primeiro momento, pensei que essa limitação pudesse dificultar meu acesso visual e prejudicar meu trabalho fotográfico. Contudo, ao invés de ver isso como um obstáculo, decidi utilizar o p/b, uma técnica com a qual já tinha familiaridade. O preto e branco me proporcionou uma nova forma de olhar o mundo, permitindo-me representar a realidade de maneira única. Essa escolha não só se tornou uma adaptação às minhas limitações, mas também me ofereceu um acesso mais profundo à minha própria expressão

fotográfica, possibilitando uma maneira mais intimista e reflexiva de capturar a essência das cenas e das pessoas que fotografei. O p/b tornou-se, portanto, uma forma de destacar o que era realmente importante, sem as distrações da cor, focando nas emoções, nas texturas e no olhar.

Não preciso do verde para mostrar as árvores, nem do azul para mostrar o mar ou o céu. A cor pouco me interessa na fotografia [...]. Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela cor. Sei muito bem que a realidade não é assim. Mas quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós, nós a digerimos e, inconscientemente, a colorimos. O preto e branco essa abstração, é, portanto, assimilado por aquele que o contempla, que se apropria dele. Considero seu poder realmente fenomenal (Salgado, 2014, p. 81-82).

Fotógrafo conhecido por essa técnica, Sebastião Salgado (2014), brasileiro, acredita que a fotografia pode fazer as pessoas refletirem sobre questões sociais. Ele utiliza o preto e branco para criar imagens impactantes que contam histórias importantes. Meu objetivo não é apenas tirar fotos dessas mulheres, mas também mostrar a essência de suas histórias e culturas. Quero capturar suas vidas em seus ambientes, criando imagens que reflitam suas experiências de forma profunda e tocante.

“Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela cor. Sei muito bem que a realidade não é assim. Mas quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós, nós a digerimos inconscientemente, a colorimos.” (Salgado, 2014, p. 128).

Salgado destaca que, apesar do avanço das tecnologias e da fotografia colorida, o preto e branco permanece uma forma atemporal e poderosa de arte. Ele acredita que essa técnica transmite a essência das imagens de maneira mais intensa e emocional, funcionando como uma linguagem universal que toca aspectos profundos da condição humana e torna as histórias mais impactantes e universais. Escolher a fotografia em preto e branco como opção estética não é optar pela simplicidade, mas sim, decidir transformar o que é comum em algo complexo, repleto de mistério e emoção (Vanuchi; Melo, 2013, p.77).

3. METODOLOGIA

Este trabalho se alicerça na pesquisa quanti-qualitativa, buscando documentar os aspectos da liderança dessas mulheres por meio da elaboração de um Fotolivro. Utiliza metodologias como entrevistas semi-estruturadas para captar as experiências e narrativas; fotoetnografia e a fotografia em preto e branco, a fim de registrar de forma mais expressiva os momentos, comportamentos e interações que emergem neste contexto, por meio da linguagem fotográfica.

A pesquisa qualitativa, em contraste com a pesquisa quantitativa, apresenta uma abordagem que busca a compreensão dos fenômenos sociais e humanos por meio da análise das experiências e significados subjacentes aos dados coletados. Autores como Marshall e Rossman (2014) ressaltam a importância dessa metodologia ao afirmarem que a pesquisa qualitativa permite uma exploração mais aprofundada das perspectivas e dos contextos dos participantes envolvidos. "A metodologia qualitativa permite-nos aprofundar as complexidades da experiência humana, explorando as perspectivas individuais e os contextos em que elas ocorrem" (Marshall & Rossman, 2014).

Creswell (1994) defende a abordagem qualitativa como uma metodologia adequada para explorar as experiências singulares das pessoas em determinado contexto. Ele argumenta que a abordagem qualitativa permite uma compreensão profunda e detalhada dos fenômenos sociais, possibilitando a identificação de temas e padrões emergentes. Creswell (1994, p.1-2) define pesquisa qualitativa como: "um processo de investigação de compreensão de um problema social ou humano baseado na construção de uma imagem complexa e holística, formada com palavras, relatando visões detalhadas de informantes, e conduzida em um ambiente natural".

Seguindo a perspectiva de Creswell (1994), a abordagem qualitativa permite uma análise aprofundada e contextualizada dessa experiência, levando em consideração fatores sociais, culturais e históricos que influenciam essas mulheres, líderes de cordões. Além disso, possibilita uma construção conjunta de conhecimento e perspectivas. Portanto, a presente pesquisa busca uma compreensão aprofundada das experiências dessas mulheres no âmbito de liderança.

A pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno do termo *pesquisa qualitativa*, encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições. Entre eles, estão as tradições associadas ao fundacionalismo, ao positivismo, ao pós-fundacionalismo, ao pós-positivismo, ao pós estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa qualitativa relacionados aos estudos culturais e interpretativos (Denzin & Lincoln, 2006, p.1).

Ao estudar essas mulheres líderes em cordões de manifestação religiosa, é importante considerar como suas histórias de vida, suas trajetórias pessoais e as influências culturais moldam sua liderança e suas práticas. Assim, para ancorar este trabalho, a entrevista semi-estruturada, essa abordagem, descrita por Fontana e Frey (2000), permite que o pesquisador tenha uma maior flexibilidade para explorar as motivações, desafios e significados que essas mulheres atribuem às suas posições. Para Fontana & Frey (2000, p.114) “Entrevistas semi-estruturadas são consideradas uma abordagem flexível que permite ao pesquisador explorar de forma mais profunda as experiências, percepções e reflexões pessoais dos participantes, enriquecendo assim os dados coletados”.

A entrevista semi-estruturada é um instrumento de pesquisa que possibilita uma interação mais próxima entre o pesquisador e os participantes, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados. Proporcionando uma maior liberdade para que essas mulheres expressem suas experiências, emoções, percepções e reflexões pessoais.

Dessa forma, ao trazer uma análise qualitativa que se baseia nas vozes e experiências de Ovídia e Nenezinha. Isso permite uma compreensão mais rica e contextualizada das motivações, desafios e significados que essas mulheres atribuem às suas posições nos cordões.

A metodologia fotoetnográfica, adotada neste estudo, se configura como uma abordagem única e poderosa para compreender as dinâmicas culturais e religiosas das Alimentadeiras das Almas, ao integrar o olhar fotográfico à observação etnográfica. Achutti (2004) destaca que, para a etnografia, a fotografia não deve ser tratada apenas como um meio ilustrativo mas sim, como um instrumento que contribui ativamente para a pesquisa, sendo capaz de restituir a realidade de maneira profunda e sensível. Nesse sentido, Achutti (2004) argumenta que a fotografia é capaz de captar não apenas o que está visível, mas também o que está além das aparências, funcionando como uma forma de narrativa que revela significados ocultos nas práticas e nas experiências dos indivíduos.

O que parece interessante para a antropologia é a utilização da fotografia para trabalhar além das aparências, pois, no que diz respeito à pesquisa, o que mais conta não é o simples registro dos fatos, mas o que está fora do campo de visão, a construção do sentido graças à imagem; isso para tornar-se um meio de restituição, uma outra forma de narrar nosso olhar sobre o Outro. É o que caracteriza a fotoetnografia, a fotografia como escritura por inteiro, quando se para de recorrer às palavras para se deixar levar em uma viagem visual reveladora, abrigando o inefável que igualmente encerra conhecimento e sentido (Achutti, 2004, p. 87).

A noção de contexto é fundamental para compreender o espaço e o tempo dos eventos,

especialmente em estudos que envolvem práticas culturais e religiosas. No caso da fotoetnografia, essa noção se torna ainda mais importante, pois a fotografia não apenas documenta o visível, mas também permite capturar as particularidades das práticas religiosas, revelando aspectos que muitas vezes não são imediatamente evidentes. Como se observa nas práticas das líderes das Alimentadeiras das Almas, a fotografia oferece uma janela para a complexidade das interações sociais e religiosas que moldam essas práticas.

A pesquisa que fundamenta este fotolivro vem sendo desenvolvida desde 2022, quando tomei a decisão definitiva de construir o projeto com este tema, que já me era familiar. Desde o início, eu já estava imersa neste universo, realizando estudos e acompanhando as práticas de maneira intuitiva, o que contribuiu para um processo de aprofundamento e amadurecimento da pesquisa ao longo do tempo. Nesse período, a reflexão sobre a relação entre as mulheres e o sagrado, bem como o protagonismo feminino nas tradições religiosas da região, foi se consolidando e se expandindo.

O trabalho prático de campo foi realizado ao longo de 45 dias, incluindo registros fotográficos, entrevistas e uma imersão nas práticas religiosas, o que ilustra o conceito de narrativa visual descrito por Achutti (2004). Esse conceito se refere a uma construção cuidadosa e intencional das cenas, nas quais o pesquisador escolhe com atenção as imagens e enquadramentos que melhor capturam a essência daquilo que está sendo estudado. Cada fotografia tornou-se um recorte do cotidiano e das experiências, um fragmento que transmitia um significado mais profundo sobre as tradições e as interações sociais presentes nas comunidades. Ao longo dessa jornada de pesquisa, cada etapa contribuiu para consolidar não apenas o fotolivro, mas também a análise das práticas culturais e religiosas da região, que já faziam parte do meu campo de estudo e que, com o tempo, ganharam uma nova abordagem e interpretação.

Ao integrar os registros fotográficos com a observação etnográfica, a pesquisa adotou uma abordagem que foi além da simples documentação visual, transformando-se em uma ferramenta interpretativa. Isso permitiu que a pesquisadora não apenas registrasse o que acontecia, mas também interpretasse o contexto cultural e religioso, compreendendo os significados implícitos nas imagens e nas práticas observadas. Dessa forma, a fotoetnografia se tornou uma metodologia rica e multidimensional, oferecendo insights sobre as práticas culturais e religiosas, ao mesmo tempo em que respeitava a complexidade das vivências de cada grupo.

Achutti (2004) destaca a importância da escolha do que deve ser registrado em uma fotoetnografia, um processo que exige uma análise constante do objeto a ser fotografado, da proximidade necessária para observar a cena e da distância que deve ser mantida para não interferir no processo. Isso se refletiu na pesquisa realizada com as Alimentadeiras das Almas, em que, como pesquisadora, me posicionei tanto como observadora quanto como Alimentadeira. A imersão no contexto das práticas permitiu uma compreensão mais profunda das experiências subjetivas e das interações cotidianas dentro do grupo, sendo essencial para construir uma narrativa visual que refletisse a complexidade dessas dinâmicas.

Aquele que fotografa é constantemente submetido a escolhas. Ele deve pensar ininterruptamente na construção da imagem, precisa sempre decidir qual será o melhor enquadramento, o que deverá entrar no campo e o que deverá ficar fora do mesmo. Não basta, então, jogar com trocas de objetivas ou de abertura de diafragma, também é preciso encontrar o lugar e a distância adequados. Ora, se é necessário estar suficientemente próximo para melhor observar o desenrolar da cena e não perder seus momentos mais importantes, também é essencial manter um mínimo de distância para não importunar ninguém e não interferir em demasia no curso dos acontecimentos." (Achutti, 2004, p. 96)

A metodologia fotoetnográfica, conforme discutida por Achutti (2004), não se limita à mera coleta de imagens, mas envolve uma construção reflexiva e contínua. A "narrativa visual", como a define o autor, é fruto de um longo processo de imersão e análise crítica das imagens produzidas. Nesse processo, as fotografias não apenas documentam, mas também compõem um "todo" que busca capturar a essência das práticas e das experiências do grupo. Esse aspecto da fotoetnografia foi determinante para a análise das relações de gênero, identidade e fé entre as Alimentadeiras das Almas, proporcionando uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais que marcam esse grupo.

De acordo com Travancas (2006), a fotoetnografia permite ao pesquisador uma interpretação visual dos rituais e das experiências subjetivas dos participantes. A fotografia, nesse caso, não se limita a ser um simples registro, mas se torna uma ferramenta analítica que amplia a compreensão das práticas culturais. Assim, a fotoetnografia, ao unir a fotografia e a etnografia, transforma a pesquisa em um processo dinâmico de construção de sentido, proporcionando uma análise mais rica e multifacetada do objeto estudado, como demonstrado neste estudo sobre as líderes de Alimentadeiras das Almas. A metodologia adotada, integrando esses dois aspectos, permitiu uma imersão profunda nas práticas religiosas, permitindo a construção de uma narrativa visual que reflete a complexidade das vivências dessas mulheres.

Para acompanhar os registros, decidi relacionar as fotos e os poemas de forma que o leitor não se perdesse, visualmente em excesso de informações. Por esse motivo, os poemas foram curtos, para não desviar o foco das imagens. Eles funcionaram como uma introdução para cada capítulo, seguindo a sequência das fotos, ajudando o leitor a compreender o contexto apresentado. Como as informações sobre as Alimentadeiras eram, frequentemente místicas e misteriosas, gerando certos tabus, a leitura é simples, de frases curtas, para facilitar o entendimento do objeto ou da cena retratada.

A discussão sobre o uso do texto acompanhado de fotografias é recorrente no meio acadêmico. A legenda desempenha um papel importante ao evitar interpretações equivocadas das imagens, ajudando a esclarecer o contexto e a mensagem pretendida. Esse processo de explicação e contextualização por meio de legendas também é comum na antropologia visual, como demonstrado pelo uso de fotografias acompanhadas de descrições detalhadas. A combinação de imagens e textos resulta em uma construção narrativa mais refinada e precisa.

Didi-Huberman (2012) faz uma reflexão sobre a relação entre palavras e imagens, utilizando uma metáfora para ilustrar como ambas precisam ser situadas em contextos apropriados para adquirir verdadeiro significado.

Esse trecho enfatiza que tanto palavras quanto imagens necessitam de um contexto para que seu verdadeiro significado seja revelado. No caso das fotografias, elas representam fragmentos de um relato maior e só se tornam completas quando inseridas em uma "frase" ou narrativa, na qual as imagens e as palavras se intercalam para criar um significado mais profundo. Em minha pesquisa, ao combinar fotos e poemas, esse conceito de Didi-Huberman se aplica: às imagens das Alimentadeiras das Almas só ganham sentido ao serem conectadas a textos que as contextualizam e interpretam, formando uma narrativa que permite ao leitor compreender as práticas e rituais em sua totalidade.

Os registros abordam uma referência histórica e estética do livro "Penitentes - dos ritos de sangue à fascinação do fim do mundo", por Guy Veloso (2019). O autor traz uma perspectiva antropológica sobre a penitência, destacando a relação entre os rituais e a espiritualidade, e a busca pela transcendência. No livro em questão, Veloso (2019) é capaz de transmitir a intensidade e o impacto desses rituais, levando o leitor a refletir sobre a fé, a devoção e as formas de manifestação religiosa.

Além disso, a estética fotográfica utilizada por Veloso (2019) ajuda a destacar os

detalhes e texturas dos objetos e cenários ao redor, criando uma atmosfera carregada de simbolismo. Desde as vestes e objetos utilizados pelas Alimentadeiras até os espaços onde ocorrem os rituais, cada elemento é capturado de forma a transmitir a profundidade e a complexidade emocional dessas práticas religiosas. A estética fotográfica pode ser considerada uma linguagem visual intensa e poderosa, que permite ao leitor imergir na história e nas emoções dos fiéis, Veloso (2019).

A fotografia é uma forma poderosa de expressão, e para transmitir uma mensagem visual impactante, é essencial considerar a composição. Conforme aponta Michael Freeman (2007) em seu livro "O Olho do Fotógrafo", a composição é um dos principais elementos para alcançar esse objetivo. Por meio de técnicas como enquadramento e proporção, é possível destacar expressões e detalhes que revelam a força, práticas e o protagonismo das figuras fotografadas. No contexto das Alimentadeiras das Almas, líderes como Ovídia e Jesulene, essas mulheres se tornam protagonistas de uma tradição religiosa e cultural que exige uma abordagem visual cuidadosa. A composição fotográfica é essencial para evidenciar sua presença imponente e sua conexão profunda com a prática ritualística.

Freeman (2007) também destaca a importância da luz na fotografia. Ele afirma que "a luz é o elemento que transforma o comum em extraordinário". Em meu estudo prático de campo, especialmente durante a madrugada, quando as fotografias das Alimentadeiras foram realizadas, a iluminação desempenhou um papel importante na criação de uma atmosfera única. O uso de LEDs foi escolhido como fonte de luz, dado que as imagens foram registradas durante o turno da noite, conferindo uma dimensão especial às fotos. A luz, nesse caso, não apenas iluminou a cena, mas também contribuiu para transformar momentos cotidianos em algo profundamente significativo, refletindo a atmosfera presente nos rituais das Alimentadeiras.

Por fim, Freeman (2007) enfatiza a relevância da forma na fotografia. Ele nos lembra que "a forma é o esqueleto da composição visual, a estrutura que dá suporte a todas as outras decisões visuais". Ao explorar diferentes ângulos e perspectivas, a fotografia pode reforçar a força e a presença das líderes durante seus rituais. Essas escolhas visuais ajudam a destacar a imponência de suas figuras e a expressividade de suas ações, essenciais para a representação visual de seu papel central na tradição.

Ao integrar os ensinamentos de Michael Freeman (2007) com a prática de capturar

imagens das líderes Ovídia e Jesulene e seus grupos, a fotografia pode ser utilizada para explorar a linguagem visual de forma impactante. A composição, a luz e a forma foram os elementos que destacaram a expressividade e a importância dessas mulheres, revelando o cultural e religioso.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como produto final um fotolivro, uma publicação impressa ou digital que reúne fotografias organizadas em formato de livro. O fotolivro é frequentemente utilizado para contar histórias, documentar eventos ou preservar memórias visuais, sendo uma forma única de conectar o espectador a uma narrativa. Embora o fotolivro possa variar em tamanho, estilo e *design*, sua essência reside no uso das imagens como elemento central, em uma sequência que transmite uma mensagem clara e envolvente.

Além da versão impressa, também será disponibilizada uma versão digital do fotolivro, com o objetivo de ampliar o acesso, permitindo que um público maior possa vivenciar a experiência visual proposta. A versão digital é uma alternativa de baixo custo, tornando o projeto acessível para um público mais amplo, independentemente de limitações financeiras, e garantindo que a tradição e a cultura de Juazeiro, Bahia, cheguem a mais pessoas.

Após a leitura da obra *O Olho do Fotógrafo* (1966), fica claro que a prática do fotolivro transcende o simples exercício artístico, funcionando também como um importante meio de comunicação e reflexão. John Szarkowski (1966), fotógrafo e teórico da imagem, argumenta que a fotografia não é apenas um registro visual, mas uma maneira de "ver o mundo". Ele propõe que, por meio da fotografia, o espectador tenha acesso a experiências e realidades muitas vezes invisíveis ou esquecidas, possibilitando uma compreensão mais profunda e sensível daquilo que é capturado pela lente.

Após a leitura de *O Olho do Fotógrafo* (1966), Szarkowski nos leva a uma reflexão profunda sobre a prática fotográfica e seu potencial narrativo. Ele explora o papel do fotógrafo na seleção e organização das imagens, destacando que a fotografia vai além da simples captura do momento, sendo também uma escolha deliberada de perspectiva e interpretação. O autor nos faz perceber que o fotolivro não é apenas um conjunto de imagens, mas uma construção visual que visa evocar emoções e reflexões no espectador. Szarkowski propõe que, por meio da seleção e sequência das imagens, o fotógrafo tem o poder de criar uma experiência imersiva, onde cada fotografia contribui para uma narrativa mais ampla, seja

ela explícita ou subjetiva. A obra, ao mesmo tempo em que apresenta a fotografia como uma arte técnica, também a eleva como um meio de comunicação sensível, capaz de provocar uma conexão emocional e intelectual com o público. Assim, a leitura do livro nos convida a reconsiderar a fotografia não apenas como um registro, mas como uma forma de contar histórias e criar significado.

A sequência de fotografias em um fotolivro não se limita a documentar, mas busca transmitir a essência da prática e a importância das figuras ou temas representados. Ao contrário de catálogos, álbuns e portfólios fotográficos, os fotolivros têm o objetivo de construir sequências visuais que estabeleçam relações de sentido entre as imagens, aproveitando toda a materialidade do livro — como formato, papel e acabamentos — para reforçar o discurso que se deseja comunicar.

Em um texto publicado na revista de fotografia *Zum*, o historiador e crítico Gerry Badger (2015) propõe sua visão sobre o fotolivro, descrevendo-o como um "tipo específico de livro fotográfico, onde as imagens assumem um papel central em relação ao texto, e o esforço colaborativo entre o fotógrafo, o editor e o designer gráfico é fundamental para criar uma narrativa visual". A ideia de que esses livros carregam uma "narrativa" é essencial, pois indica que há uma intenção deliberada de transmitir uma história por meio das imagens.

No entanto, essa "história" não segue o formato tradicional da narrativa literária, pois não se baseia em palavras, frases ou capítulos, mas sim em imagens e sequências fotográficas – formas de expressão visual. Segundo Prins e Boom (1989, p. 12, apud Shannon, 2010, p. 57), "um fotolivro é uma forma artística independente, semelhante a uma escultura, uma peça teatral ou um filme. As fotografias deixam de ser apenas imagens fotográficas em si mesmas e se transformam em elementos, impressos em tinta, que compõem um evento dramático conhecido como livro".

Diante desses contextos, a definição deste produto surgiu da percepção de que o processo de liderança dessas mulheres pode ser narrado por meio de sua própria narrativa, a fim de compreendermos o papel delas. Já Elizabeth Shanon (2010), em seu ensaio *The Rise of the Photobook in the Twenty-First Century*, aponta que:

O termo "fotolivro" normalmente define um livro criado para cumprir uma função principalmente artística, mas é frequentemente aplicado a publicações de origem não artística, a fim de aumentar a autoridade e o valor do livro no mercado. O rótulo de "fotolivro" é cada vez mais usado para designar o valor estético e de mercado de um

livro, excluindo todos os outros tipos de valor (Shannon, 2010, p. 12).

A relevância de registrar uma trajetória por meio de imagens que retratam a história visual destas duas mulheres e seus respectivos grupos, reside em apresentar uma abordagem inovadora de conhecimento e registro dessas narrativas populares. Por esta razão, dediquei tempo e espaço para explorar este tema, pois acredito que seja essencial promover a inclusão de seus relatos na história cultural de Juazeiro.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Minha escolha pelo tema remonta a 2022, quando iniciei uma pesquisa mais profunda sobre o grupo das Alimentadeiras das Almas. A partir desse momento, passei a acompanhar o grupo de duas formas: internamente, já que sou uma Alimentadeira e faço parte do grupo e, externamente, como estudante de Jornalismo. Em resumo, o tema e a pesquisa foram definidos e iniciados dois anos antes dos registros oficiais, realizados em 2024, quando pude dar início às práticas oficialmente, conforme as orientações do semestre vigente (2024.2). No meu caso, isso ocorreu no semestre de 2024.1, devido ao fato de as práticas acontecerem durante o período da Quaresma, especificamente em fevereiro e março.

Essa base prévia foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e para a execução das etapas subsequentes. Neste tópico, abordarei as etapas do processo de realização das fotografias e os perfis resultantes das entrevistas, além de discutir a construção do fotolivro.

Realizei um total de quatro momentos fotográficos: dois com Jesulene e dois com Ovídia. Além dessas sessões específicas com as líderes, os registros também foram feitos nos dias em que acompanhei os dois cordões, com foco nas mulheres de forma geral. Posteriormente, dediquei um dia, exclusivamente para cada líder, buscando direcionar minha atenção para uma por uma, líder por líder, e grupo por grupo.

Para complementar as capturas visuais, conduzi quatro entrevistas, sendo duas com cada uma delas. Durante 45 dias, incluindo os finais de semana. Acompanhei os dois cordões, que se manifestaram no mesmo dia, mas em horários distintos. O acompanhamento ocorreu entre 22h e uma ou duas da manhã, divididos entre segunda, quarta e sexta-feiras, e todos os dias da última semana de penitências, próxima à sexta-feira santa. Esse acompanhamento me permitiu observar detalhes importantes e obter as informações necessárias para a construção

final do produto. As entrevistas foram realizadas com Ovídia Izabel de Sena e Jesulene Ribeiro, líderes dos cordões de Alimentadeiras das Almas, o que possibilitou um registro diversificado das experiências e tradições associadas a essa manifestação.

É importante destacar que grande parte da pesquisa foi desenvolvida antes do início do período de coleta de dados, o que incluiu a análise de referências bibliográficas e a elaboração de um cronograma detalhado. Esse planejamento foi essencial para garantir que as atividades de campo - as fotografias e as entrevistas - fossem realizadas de maneira organizada e dentro de prazos adequados. Essa fase preparatória não apenas facilitou a logística do trabalho, mas também me ajudou a compreender melhor o contexto histórico e social dos cordões. Com isso, pude aprimorar a minha abordagem durante a coleta de informações, observando os elementos culturais e sociais com mais profundidade.

Durante o acompanhamento, percebi que detalhes poderiam passar despercebidos sem essa preparação prévia. A familiaridade com o ambiente e as tradições me proporcionou uma visão mais ampla e sensível das interações entre os participantes. O relacionamento prévio com as líderes dos cordões também favoreceu um clima de confiança, o que permitiu que compartilhassem suas histórias de maneira mais aberta e autêntica. Essa pesquisa prévia, aliada à vivência pessoal, foi essencial para a construção do fotolivro, não apenas para registrar momentos visuais, mas também para captar a essência das experiências vividas pelas integrantes desses cordões. Esse trabalho de imersão e sensibilidade tornou possível uma representação mais clara desse patrimônio.

As fotografias foram realizadas nos meses de fevereiro e março de 2024, em datas programadas para acompanhar as atividades desde a Quarta-Feira de Cinzas até a Sexta-Feira da Paixão. No entanto, por ter nascido em um lar que pratica a penitência há muitos anos, inclusive fora do período da Quaresma, consegui uma aproximação que me proporcionou informações adicionais importantes para esta etapa de coleta de dados. Isso ocorreu devido ao fato de já conhecer pessoas próximas envolvidas nesse contexto, assim como as duas chefes das Alimentadeiras, familiares e colegas que compartilharam suas vivências e tradições com muito carinho.

A escolha por entrevistar duas mulheres líderes da manifestação religiosa das Alimentadeiras das Almas para a construção de um fotolivro foi, acima de tudo, uma decisão voltada para o resgate da memória visual das práticas e narrativas históricas e espirituais que

são fundamentais para a identidade local, mas frequentemente marginalizadas ou ignoradas. Este projeto se configura também como um documento que ficará como legado para as futuras gerações, transmitindo as tradições de uma cultura imaterial de grande importância. A região do Vale do São Francisco, rica em tradições religiosas populares, carrega em suas práticas culturais um profundo significado, especialmente na cidade de Juazeiro e na comunidade do Rodeadouro, além das áreas circunvizinhas, onde as Alimentadeiras desempenham um papel de protagonismo. Essas localidades são marcadas por um forte vínculo com as práticas de fé e devoção que permeiam o cotidiano, refletindo a resistência cultural e a continuidade de saberes que são passados de geração em geração.

O papel de Ovídia, 76 e Jesulene 84, como líderes é um elemento central para a continuidade dessas práticas, atuando como guardiãs da memória cultural e religiosa da região. Elas são as responsáveis por manter e transmitir as histórias, rituais e costumes, muitas vezes passados oralmente de geração em geração. Por meio de suas práticas e relatos, essas mulheres desempenham um papel essencial na construção da identidade local, que não é apenas religiosa, mas também cultural. A história é contada, majoritariamente, por mulheres que sempre destacam outras mulheres: mãe, irmã, vizinha, sogras, amigas.

Ao entrevistar essas mulheres, o fotolivro tornou-se uma ferramenta de registro de memórias vivas, pois os relatos delas estavam conectados às narrativas de suas próprias histórias e experiências. Essas histórias também refletem a força que elas encontram nas suas tradições religiosas. Em muitas culturas, a liderança religiosa e cultural é associada a figuras masculinas. No entanto, Ovídia e Jesulene revelam uma realidade contrária, onde as mulheres são as principais líderes e organizadoras desses movimentos religiosos. A escolha de entrevistar essas mulheres para figurar neste fotolivro teve, portanto, o objetivo de desafiar e subverter as narrativas tradicionais que marginalizam o papel feminino nas esferas de autoridade religiosa e social.

De acordo com Pollak (1992), podemos considerar que a memória faz parte de um processo social, não se constituindo apenas como um dado físico, mas também como resultado de um complexo de relações sociais, que, embora conflituosas, dizem respeito à comunidade e não apenas ao indivíduo. Portanto, nas primeiras visitas, realizadas em fevereiro de 2024, dediquei-me às entrevistas, conversando com as mulheres dos grupos para entender melhor a história que pertence a elas. Nessas primeiras visitas, não fotografei; apenas conversei com as mulheres e participei do cotidiano delas durante as preparações para a saída

do cordão nas ruas.

A pesquisa realizada é classificada como pesquisa de campo (Gonçalves, 2001), que busca informações diretamente com a comunidade pesquisada. Para a segunda parte, foram coletados dados históricos, incluindo a tese de mestrado de Cássio Felipe de Lima (2023) sobre fotografias de vivências: performances do corpo penitente em Guy Veloso e, também, um Livro-reportagem “Caminhos da penitência” de Luís Osete (2010).

Após as entrevistas e tendo então o mapeamento do local, além de um maior conhecimento sobre a história e cultura, como suas manifestações culturais, crenças e hábitos, pode então ser realizado o registro fotográfico. Em uma das visitas, em março, passei um final de semana dentro da comunidade Quilombola do Rodeadouro, pois traria mais intimidade na relação que eu estava desenvolvendo com as mulheres e principalmente com Ovídia.

Pelo contato mais íntimo ter se estabelecido com Dona Ovídia, ela acabou se tornando um fio condutor para minha narrativa, ela e a família dela foram as pessoas que mais fotografei durante o processo e foram exatamente esses registros que renderam o resultado que eu mais esperava.

Então o processo foi em grande parte guiado por elas, as protagonistas, que auxiliavam também na própria concepção da imagem, indicando os locais seguros, conversando junto comigo com as pessoas fotografadas e sempre querendo ver o resultado dos registros. A opinião delas, Jesulene e Ovídia sobre os registros era de extrema importância pra mim, pois não queria desenvolver ali um trabalho que elas não se reconhecessem e não se identificassem com a imagem.

Quadro 1 - Lista de Participantes

Nome	Idade	Raça	Gênero
Jesulene Ribeiro	84	Negra	Feminino
Ovídia de Sena	76	Negra	Feminino

Fonte: Informações coletadas pela autora

4.1 JESULENE: GUARDIÃ DA TRADIÇÃO DAS ALIMENTADEIRAS E DA FÉ DE JUAZEIRO

Jesulene Rodrigues Ribeiro, mais conhecida como Dona Nenezinha, nasceu no dia

nove de abril de 1940, em Juazeiro/Bahia. A entrevista aconteceu em sua residência, na Rua Princesa Isabel, no bairro Santo Antônio, em Juazeiro, no dia cinco de março de 2024, às 15h. Naquela tarde, ela estava vestida com roupas brancas, com o cabelo preso em coque, e transmitia uma energia única, característica de sua trajetória. Nenezinha, mulher negra, de estatura baixa e magra, com cabelos curtos e levemente ondulados, tingidos de um tom vermelho escuro, carrega em sua aparência a marca de uma identidade profundamente conectada à terra que a acolheu. Seus encontros não são apenas momentos de oração, mas também de fortalecimento, como no segundo encontro, realizado em 18 de dezembro de 2024, quando ela usava um vestido solto nas cores azul e laranja, refletindo toda a luz e energia de sua vida.

Filha de Isabel Rodrigues Ribeiro, a Isabelzinha, ex-chefe do cordão das Alimentadeiras, e de Francisco Mariano Ribeiro, cresceu em um lar onde a fé e o trabalho eram pilares fundamentais. Desde pequena, ela foi imersa no universo das Alimentadeiras, aprendendo com a mãe os rituais e valores dessa tradição religiosa tão importante para sua comunidade. Quando Isabelzinha faleceu, em 1987, Jesulene fez uma promessa à mãe: garantir que a penitência não acabasse e que a tradição fosse mantida. “Ela me pediu: ‘Minha filha, não deixe a penitência acabar. Você me promete que não vai faltar?’ E eu prometi, fique em paz. E aí, comecei”, ela conta com a mesma emoção de quando fez essa promessa.

Com essa responsabilidade nas mãos, Dona Nenezinha assumiu a liderança do cordão "Atrás da Banca", dando continuidade ao trabalho de sua mãe. Ela sempre diz que a liderança não foi algo que procurou, mas algo que a vida lhe deu. “Não sou a líder porque quero, mas porque preciso manter viva nossa tradição. Se não fizer isso, quem vai?”, afirma com firmeza. Para ela, ser líder não se tratava apenas de comandar, mas de preservar a memória e os ensinamentos de sua mãe, mantendo viva a essência de uma fé e cultura que são mais do que rituais — são uma resistência à passagem do tempo e às dificuldades do mundo moderno.

Ao longo dos anos, o número de participantes nas Alimentadeiras foi diminuindo. O grupo que antes contava com 40 pessoas passou a ter apenas sete ou cinco membros. Mas isso não impediu Dona Nenezinha de seguir em frente. Ela sabia que a tradição não poderia desaparecer, e se dedicava a garantir que nenhum dos membros se perdesse, seja com transporte, apoio ou vestimentas adequadas. "Eu sabia que eram tempos difíceis, mas quem faria a tradição continuar se não fosse a gente? Cada pessoa que se perde é uma dor, porque a tradição se enfraquece", reflete, compreendendo a importância de sua missão.

Os encontros em sua casa, onde os saberes das Alimentadeiras são compartilhados, se tornaram momentos de sabedoria e de conexão. Sua cozinha simples, mas cheia de significado, se transformou em um espaço onde ela transmitia o legado de sua mãe, mantendo viva a chama da devoção. Os objetos sagrados das Alimentadeiras, sempre presentes ao seu redor, se tornaram símbolos de uma luta incansável para preservar a história e a identidade de sua comunidade.

Dona Nenezinha é mais do que uma líder religiosa. Ela é uma mulher de luta, que mantém com coragem e fé a tradição das Alimentadeiras, perpetuando-a com o amor e a dedicação que a caracterizam. Em cada passo que dá, ela fortalece a memória e a cultura de Juazeiro, lembrando a todos que a história de sua terra e de seu povo deve ser preservada. Ela segue firme, alimentando a tradição com a energia e luz de sua vida, inspirando todos ao seu redor a manter viva a história que ela carrega com tanto orgulho e devoção.

4.2 OVÍDIA: GUARDIÃ DAS TRADIÇÕES E FÉ NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO RODEADOURO

Ovídia Izabel de Sena é uma mulher negra, quilombola, de pele escura, baixa e magra. Seu cabelo é curto e grisalho. No dia da entrevista, realizada em um sábado, 16 de março de 2024, às 15h20, na comunidade do Rodeadouro, na praça em frente à sua residência e à igreja São José, ela estava vestida com uma blusa florida com o rosto de São José e uma bermuda listrada em preto e branco.

Dona Ovídia nasceu em 03 de junho de 1948, na comunidade quilombola do Rodeadouro, no Submédio São Francisco, sendo a caçula de uma família de 10 filhos. Seus pais, Domingo Firmino de Sena e Isabel Perciliana de Sena, eram agricultores. A vida na infância foi marcada pelo trabalho na roça, onde Ovídia ajudava seus pais no cultivo de verduras e vendia os produtos na cidade. Em meio a essa rotina árdua de trabalho, Ovídia nunca perdeu o interesse pelos estudos, apesar das dificuldades da época, como a falta de recursos e a ausência de infraestrutura educacional.

Quando completou 18 anos, começou a trabalhar como professora na comunidade do Rodeadouro. Ovídia dedicou mais de três décadas de sua vida à educação e ao serviço público, onde trabalhou por 33 anos, principalmente em sua comunidade. Aposentada atualmente, Ovídia dedica-se ao cuidado de sua casa e ao apoio à comunidade. Embora esteja aposentada, ainda se engaja ativamente em causas sociais e educacionais.

Ela casou-se e teve oito filhos, sendo que um faleceu ainda jovem. A maternidade sempre foi uma prioridade em sua vida, e ela se dedicou à criação de seus filhos. Desde criança, demonstra uma profunda conexão com sua fé católica. Cresceu em um lar em que a religiosidade era presente, com orações e celebrações religiosas, como a missa e as festividades dedicadas aos santos da comunidade.

Aos 10 anos, Dona Ovídia iniciou sua penitência, uma prática de devoção religiosa que marcaria sua trajetória de vida. No entanto, após casar e ter filhos, ela fez uma pausa nesse compromisso. Mas logo retomou sua penitência, reforçando seu vínculo com a fé. Durante todos esses anos, a comunidade de Rodeadouro sempre teve apenas um cordão das Alimentadeiras, uma tradição que ela seguiria com dedicação. Ela lembra que o principal desafio que o grupo enfrenta atualmente é a diminuição da participação: "Muitos mudam de religião, outros participam de uma religião que não acredita nisso, acha que não é certo, são muitos problemas assim que deixou a desejar a penitência". Esse fenômeno reflete as dificuldades em manter as tradições vivas em um mundo em constante mudança, especialmente entre as novas gerações.

Dona Ovídia se destaca não apenas por sua fé, mas também por seu papel de liderança dentro da comunidade. Como ela mesma afirma, "Na minha família eu sou a mulher que tá à frente de tudo, e não deixa a desejar e faz de tudo para acontecer". Sua força e determinação são evidentes em sua vida cotidiana, e sua liderança não se limita ao campo religioso, mas se estende a várias áreas da comunidade, especialmente na manutenção das práticas culturais e religiosas.

A transição de liderança das Alimentadeiras ocorreu após um pedido de sua amiga, Francisca Persiliana de Miranda, conhecida como Chica, que estava doente. Ela lhe pediu para não deixar o cordão acabar, afirmando que Ovídia seria uma ótima líder caso algo acontecesse com ela. Quando a amiga faleceu, em 2019, Dona Ovídia assumiu a liderança do grupo das Alimentadeiras da comunidade quilombola do Rodeadouro no ano seguinte, em 2000. Desde então, ela tem sido a responsável por conduzir os devotos nas suas práticas de fé e manter viva a tradição que ela considera essencial para a continuidade dessa manifestação dentro da comunidade.

Além de sua vida religiosa, o legado de Ovídia Isabel de Sena é profundo tanto no campo educacional quanto no social. Como professora e líder em vários âmbitos, sua atuação

na igreja e sua liderança nos movimentos católicos proporcionam aos moradores um exemplo de fé, dedicação e serviço ao próximo. Ela iniciou sua penitência aos 10 anos de idade e, ao longo de 60 anos de devoção às Santas Almas, tem sido uma figura central na tradição das Alimentadeiras do Rodeadouro. Sua trajetória espiritual é marcada por um profundo compromisso com a fé e a continuação das práticas religiosas.

"Para mim, Quaresma sem o movimento da penitência não é uma Quaresma completa. Tenho medo que futuramente essa penitência não exista mais, e sem as meninas, não consigo seguir. Eu posso não continuar, mas só se não puder mais; enquanto estiver de pé, vou continuar", afirma Dona Ovídia.

Atualmente, ela enfrenta um dos maiores desafios de sua jornada: a diminuição do número de participantes no cordão. Em um tempo em que o grupo contava com 35 integrantes, hoje o cordão se concentra em, apenas, 10 pessoas, a maioria de sua própria família – incluindo filhas e netas. Essa mudança reflete um fenômeno comum em muitas comunidades religiosas, onde o tempo e a falta de novos participantes impactam a continuidade das tradições. A ausência de novos membros tem gerado uma preocupação constante, pois o trabalho das Alimentadeiras exige dedicação e esforço coletivo, além de uma forte conexão entre os participantes. A fé de Dona Ovídia é múltipla: é religiosa, é cultural e é política.

A comunidade quilombola do Rodeadouro, onde Dona Ovídia reside, tem uma história rica e de forte identidade cultural. Localizada às margens do Rio São Francisco, a comunidade é composta por mais de 600 moradores e é marcada por uma cultura que ressurge, principalmente através de manifestações como o Samba de Véio, uma dança tradicional que remonta às primeiras manifestações africanas no Brasil.

O impacto da liderança de Dona Ovídia na comunidade é marcante. Ao longo de sua vida, ela tem sido não somente uma educadora, mas também uma guardiã da cultura local, especialmente das práticas culturais que envolvem a fé, como as das Alimentadeiras. Sua liderança não se limita ao âmbito religioso, mas também se estende à transmissão das tradições culturais, como o Samba de Véio, que continua a ser praticado na comunidade. Ela é uma das principais figuras na continuidade das tradições locais, e seu exemplo é seguido por várias gerações, especialmente por suas filhas e netas que continuam o trabalho dessas tradições religiosas e culturais iniciado por ela.

O legado de Ovídia na construção e transmissão da cultura local vai além da religião: sua liderança é um ponto de referência para a continuação do conhecimento ancestral, que tem sido transmitido nas gerações da comunidade do Rodeadouro. Sua dedicação, exemplo de vida e liderança contínua fundamentais para a resistência cultural do povo quilombola, em especial frente às dificuldades de renovação de participantes e o envelhecimento dos membros das tradições.

4.3 MOMENTOS FOTOGRÁFICOS E SELEÇÃO DAS IMAGENS

Foram feitas 400 fotos, das quais 70 foram selecionadas para tratamento. Com as 70 imagens editadas, passou-se então à seleção das que constituem o corpus da obra, observando-se quais eram mais adequadas ao formato e aos capítulos do fotolivro, além de se atentar para que as imagens não ficassem repetitivas. Após esse processo, chegou-se ao resultado final de 37 fotos para compor a obra.

A produção das imagens foi realizada com uma câmera Canon T7, utilizando as lentes Yongnuo Standard Prime Camera Lens, F1.8, EF, 50mm, e Canon EF-S 18-55mm F/4, sendo a lente de 50mm usada para fotos em modo retrato, e a de 18-55mm para as fotografias mais abertas e de assuntos mais distantes. Para edição utilizei o Programa: Lightroom. Além disso, utilizou-se um tripé e um LED Light RB08 para ajudar na iluminação das imagens registradas no turno da noite, em locais como o cemitério, onde é necessária uma luz móvel devido à precária iluminação local. Inclusive, segui o grupo de Nenezinha em seis idas ao cemitério municipal, de 22h da noite à 1h da madrugada.

No total, foram 45 dias de trabalho de campo relacionados aos registros fotográficos. Incluí os finais de semana, pois também foram dias dedicados à pesquisa. Desses 45 dias, nove foram com o grupo do Rodeadouro e 11 com o outro grupo, "de trás da banca", com saídas realizadas em três semanas: nas segundas, terças e quartas-feiras. Na última semana da Quaresma, participei de atividades todos os dias da semana. Decidi finalizar minha pesquisa no Cordão de Nenezinha, pois, além de estar fotografando, também sou devota das Santas Almas. Esse momento marcou a conclusão da minha penitência de 2024, de maneira simbólica, e foi especial tanto para o grupo quanto para mim, como pesquisadora.

A rota mudava apenas na última semana da Quaresma, quando, de segunda a sexta-feira da Paixão, o trajeto passava por sete cruzeiros: Alto do Cruzeiro, Santa Terezinha, João VIII, Maria Gorete, finalizando com os três cruzeiros localizados no Cemitério, com

destino final à casa da chefe Jesulene, para a oração final.

Para evitar ângulos ou planos repetitivos, busquei diversificar as fotografias, distribuindo-as de forma não padronizada. Há imagens somente na horizontal, na horizontal e vertical, ou vice-versa. A proposta era trazer mais dinamismo ao produto. Isso foi, especialmente importante, visto que os locais das fotos variavam conforme o trajeto de cada cordão. As estações do cordão do bairro Santo Antônio, conhecido como "de trás da banca", percorriam um percurso repetido toda segunda, quarta e sexta-feira, passando pelos bairros Penha, Mussambê e até o Cemitério Municipal. Já o cordão de Ovídia, da comunidade quilombola do Rodeadouro, também repetia as estações nas segundas, quartas e sextas-feiras, por duas rodovias, passando pela Igreja Católica São José, Cemitério e outras estações próximas, devido ao tamanho reduzido da comunidade.

4.4 SELEÇÃO DAS FOTOGRAFIAS

A princípio, o objetivo era selecionar 45 imagens para o fotolivro. No entanto, após uma análise detalhada das narrativas descritivas das fontes principais da pesquisa, incluindo trechos poéticos, foi possível reduzir o número de imagens para 37. Durante essa etapa, foi essencial garantir que as fotografias estivessem alinhadas com os capítulos do livro e que a linearidade da narrativa fosse mantida, sem perder a conexão com o tema central. As imagens foram escolhidas para refletir as histórias e a relação com a fé e o sagrado, sendo complementadas por frases curtas e poéticas, que servem como chamadas para cada capítulo.

As frases, todas escritas por mim, a autora. Foram elaboradas com base nas histórias individuais de Ovídia e Nenezinha, e nos "benditos" aos quais tive acesso durante minha pesquisa bibliográfica. O principal objetivo da escrita foi criar uma ligação profunda entre as imagens e os capítulos, funcionando como um fio condutor que aproxima o leitor da atmosfera religiosa e cultural das fotografias. As frases, com sua carga poética, foram escolhidas não apenas por sua relevância para o conteúdo do fotolivro, mas também por sua capacidade de gerar um impacto emocional, servindo como uma introdução poética para cada capítulo e fotografia.

A seleção das fotografias foi guiada por critérios técnicos e estéticos, levando em consideração elementos como enquadramentos, ângulos e a qualidade visual das imagens. Busquei capturar a essência das histórias retratadas, sempre com o intuito de valorizar tanto o aspecto documental quanto a sensibilidade estética. Imagens com problemas técnicos, como

desfoque, cortes bruscos ou falta de iluminação, foram descartadas, uma vez que comprometiam a qualidade do resultado final.

Além disso, as imagens foram organizadas em blocos ou padrões fotográficos, criando subtemas que dividem o fotolivro. Esses subtemas não são rigidamente separados, mas a disposição das fotografias e sua sequência orientam o leitor a compreender a narrativa proposta, conduzindo-o a uma leitura fluida e imersiva.

Uma escolha pessoal e intencional foi a de evitar incluir imagens de homens na seleção. Essa decisão foi tomada com base no foco do fotolivro e da pesquisa no "protagonismo feminino". O trabalho busca destacar as mulheres como protagonistas das práticas de fé e devoção, reforçando o papel central que elas desempenham nas tradições e rituais explorados no fotolivro. Nenhuma imagem de homem foi explicitamente incluída na construção do fotolivro, pois a intenção foi manter o centro da narrativa voltado para as mulheres, que, no contexto da pesquisa, são as figuras principais. Essa escolha foi fundamental para comunicar a importância da presença feminina, seja na prática religiosa, na continuidade de costumes ou nas expressões de fé.

4.5 TRATAMENTO DAS IMAGENS

Apesar de ter utilizado uma lente que me permitia grandes aberturas de diafragma, só pude "abusar" desse recurso nas fotografias internas. Ainda assim, consegui dar destaque aos rostos, que era meu ponto de interesse; já em algumas fotos optei por manter o rosto mais escuro para trazer a ideia de mistério. Escolhi também fotografar com LED, por opção estética e para valorizar a luminosidade que o local não possuía por ser registrado à noite e em ruas com pouca iluminação. Mesmo nas poucas fotos pude utilizar da luz favorável de alguma janela ou de uma porta aberta durante as paradas nas estações.

O tratamento das imagens foi realizado por mim utilizando o software Adobe Lightroom, que já havia sido empregado em edições anteriores durante meu estágio. As fotografias passaram por ajustes básicos, com poucas alterações em elementos como contraste, nitidez, temperatura de cor, exposição, sombras, pretos e vinheta, entre outros. O tratamento aplicado foi sutil, sem grandes interferências nos elementos constitutivos da fotografia. Realizei ajustes na intensidade da luz, cortes leves e pequenos realces, com o objetivo de aprimorar o contraste entre preto e branco.

As fotografias deste trabalho foram feitas em arquivo RAW, o que possibilita uma correção bem mais eficaz, em questão de plataformas de edição e decupagem. Sendo possível editar, por exemplo, uma imagem muito escura, um foco que não foi bem ajustado, entre outras possibilidades. Para manter a qualidade na nitidez, as fotografias foram salvas em 300dpi, para que na visualização digital via pdf e impressão não perca qualidade e resolução.

4.6 FOTOLIVRO

O projeto experimental teve como produto final o fotolivro, uma ferramenta multifacetada que combina imagens e pequenos textos para registrar a trajetória de Jesulene, Ovídia e seus respectivos grupos. Essa escolha se deu por sua capacidade de destacar a importância dessas figuras femininas nas práticas culturais e religiosas, enquanto também serve como um meio de construção de memória e resistência cultural. A seguir, exporei os argumentos que sustentam a utilização do fotolivro para minha pesquisa, baseados em referências teóricas que embasam meu trabalho.

Ao integrar elementos visuais e textuais, o fotolivro vai além de um simples registro fotográfico ou escrito. Ele se apresenta como um repositório de histórias, capaz de capturar a essência de uma trajetória, prática cultural ou religiosa, e torná-las acessíveis para as gerações futuras. Halbwachs (2004) afirma que a memória coletiva é construída a partir de múltiplos registros, e o fotolivro é uma forma eficaz de materializar essa memória, promovendo um diálogo contínuo entre o passado e o presente. Portanto, ao registrar as histórias de Jesulene e Ovídia, o fotolivro contribui para a manutenção da memória coletiva da comunidade e de suas práticas religiosas.

No caso dessas mulheres, cada história não é apenas um retrato de suas trajetórias pessoais, mas também de um legado cultural e religioso que se perpetua dentro de suas comunidades. O fotolivro, ao se concentrar em uma narrativa, oferece a oportunidade de representar visualmente e textualmente as experiências, a fé e o trabalho dessas mulheres. Como Goffman (1959) afirma, os perfis são formas de representação social e individual que revelam as múltiplas facetas da pessoa, suas relações com a comunidade e com o mundo ao seu redor. Dessa forma, o fotolivro não só expõe o perfil das mulheres de maneira linear, mas também traduz suas histórias de vida e as interações com a fé, as tradições e a comunidade.

A escolha do fotolivro não é apenas estética, mas metodológica, pois a combinação de imagens e pequenos textos cria uma narrativa mais completa e impactante. A fotografia tem a

capacidade de capturar e transmitir emoções, gestos e atmosferas de uma forma que o texto sozinho não consegue alcançar. Juntas, imagem e texto formam uma experiência sensorial e cognitiva para o público, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre quem são essas mulheres e o que elas representam dentro da tradição religiosa das Alimentadeiras das Almas.

Barthes (1980) corrobora essa ideia ao afirmar que a fotografia "congela o tempo" e evoca memórias e sentidos profundos. As imagens não são apenas decorativas, mas fazem parte da narrativa, ajudando a contextualizar as histórias e criando uma relação emocional direta com o público. Momentos como as mãos gesticulando durante um ritual ou o olhar profundo durante uma oração serão entrelaçados com frases que compõem cada capítulo, criando uma narrativa rica e tocante.

Além de sua função memorialística, o fotolivro desempenha um papel social e cultural importante ao atuar como um instrumento de educação e sensibilização. Ele pode ser utilizado como recurso pedagógico em escolas, igrejas e outros espaços de aprendizado, ajudando as novas gerações a entender as tradições locais e a importância da liderança feminina nessas práticas.

4.7 DIAGRAMAÇÃO

O processo de diagramação do fotolivro foi uma experiência única e desafiadora. Sem experiência prévia na área, decidi estudar técnicas de *design* gráfico, assistir a vídeo aulas e explorar diversos fotolivros de diferentes formatos e estilos. Realizei pesquisas sobre o tratamento e o tamanho adequado das imagens para cada temática, buscando entender como organizar as fotos de forma coerente com a proposta do livro.

Após uma primeira seleção de imagens, percebi que algumas frases ditas pelas mulheres e outras criadas por mim poderiam interferir na fluidez da narrativa. A partir disso, refinei a estrutura do fotolivro, com o objetivo de criar um projeto que dialogasse com o tema tanto visualmente quanto estruturalmente. A proposta era fugir do formato tradicional de livro fotográfico, buscando explorar novas possibilidades. Um dos principais referenciais para essa busca foi o livro *Penitentes - dos ritos de sangue à fascinação do fim do mundo* de Guy Veloso, que apresenta um formato que considero, esteticamente, muito interessante.

O fotolivro *Alimentadeiras* é composto por capa, contra-capas, ficha técnica, dedicatória, agradecimentos, sumário, prefácio e apresentação. Ele é dividido em seis capítulos: o primeiro, “Instrumentos de penitência”, com o título “Matraca”; o segundo, “Mortalha”; o terceiro, “Madeiro”, que aborda simbolismos das roupas e apetrechos como cruz e matraca; o quarto capítulo, “Alimentadeiras”, que descreve os dois grupos de forma integrada, sem especificar separadamente cada um, mas como um coletivo; o quinto, dedicado a Dona Nenezinha, com fotos em grupo e individuais; e o sexto, dedicado a Dona Ovídia, também com fotos em grupo e individuais.

O fotolivro contém 37 fotografias distribuídas em 80 páginas, organizadas de forma a manter uma coerência estética e narrativa. Para definir a ordem das imagens, criei frases poéticas que dividiram o livro em capítulos, com cada frase representando um tema específico. A introdução do livro visa gerar mistério sobre os objetos e instrumentos apresentados nas imagens, enquanto as fotos a seguir exploram temas relacionados à espiritualidade, o místico e a ligação com o religioso, sempre presentes nos grupos retratados.

As fotografias e os textos poéticos criados por mim interagem ao longo do livro, fornecendo uma narrativa que aproxima o leitor da história. Os textos, escritos em uma folha separada no início de cada capítulo, introduzem o tema e mantêm um tom poético e misterioso. No final do livro, o texto de conclusão presta uma homenagem a todas as almas pelas quais as *Alimentadeiras* rezam.

Para a capa do livro, escolhi uma fotografia que remete ao grupo das *Alimentadeiras* de forma coletiva, sem focar em rostos, mas na imagem do grupo de costas, em fila indiana. Esta composição simboliza o caminho das almas até o purgatório, mantendo a simplicidade e a força da imagem. O título foi cuidadosamente colocado sobre a fotografia, utilizando tipografia minimalista para dar ênfase tanto à imagem quanto ao texto.

O livro foi projetado em dois programas: inicialmente, o rascunho foi feito no Canva, uma plataforma de fácil manuseio, onde montei todo o *layout* de forma simples. Em seguida, para a parte final do projeto e visando a impressão, transferei o conteúdo para o Adobe InDesign. Embora eu não tivesse experiência prévia com essa plataforma, busquei tutoriais *online* e estudei técnicas visuais aplicáveis ao *design* de fotolivros. Isso me ajudou a posicionar as imagens e textos de forma estratégica, para guiar o olhar do espectador e manter o fluxo narrativo de forma intuitiva.

Além disso, utilizei a plataforma Heyzine para oferecer aos leitores uma experiência digital mais acessível e harmônica. O Heyzine é uma plataforma *online* popular para a criação e publicação de revistas digitais e fotolivros interativos. Ela permite transformar arquivos digitais, como PDFs, em publicações visuais e interativas, oferecendo uma maneira moderna e fácil de visualizar o conteúdo. A plataforma é bastante conhecida entre aqueles que desejam criar fotolivros, catálogos, portfólios e revistas digitais, proporcionando uma boa qualidade de visualização e um formato acessível para o público.

O fotolivro foi estruturado com base em uma grade modular, o que permitiu maior flexibilidade e controle na disposição das imagens e textos. A utilização da grade modular segue os princípios de Ambrose & Harris (2019), criando um movimento dinâmico nas páginas, com áreas de leitura que conduzem o olhar de forma harmoniosa.

Em relação à tipografia, para os títulos, escolhi a fonte Montserrat, uma tipografia *sans-serif* moderna e legível, e para o corpo de texto, optei por Lato, uma fonte também *sans-serif*, que traz elegância e versatilidade. A tipografia foi ajustada para garantir uma leitura agradável, com o texto principal utilizando o tamanho de 14pt e espaçamento entre linhas de 1.5.

Para a impressão, o fotolivro foi produzido com papel *couchê* de gramatura 120g, escolhido por sua qualidade e durabilidade. O formato do livro foi definido como retangular (22x20 cm), uma escolha inicial que se mostrou adequada para a distribuição das imagens e textos de forma equilibrada.

Durante o processo de diagramação, procurei manter um equilíbrio entre a estética e a funcionalidade, criando um fotolivro que não apenas apresentasse as imagens de maneira impactante, mas também envolvesse o leitor em uma experiência visual e emocional. As técnicas de composição de páginas, como a alternância entre imagens e textos à esquerda e à direita, ajudaram a criar uma narrativa fluida, com uma interação dinâmica entre o conteúdo visual e poético.

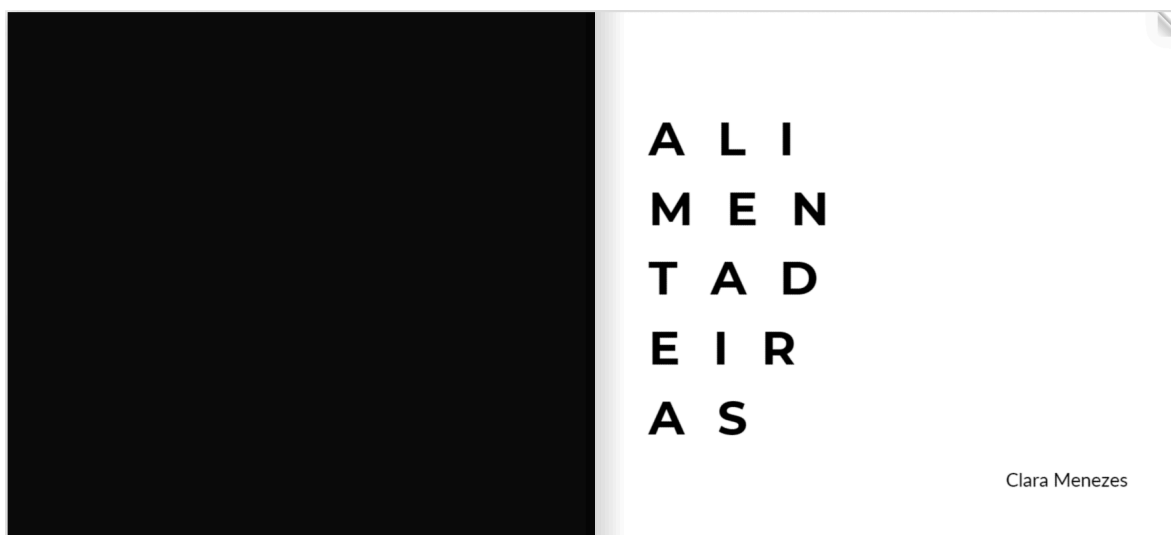
A diagramação do fotolivro Alimentadeiras reflete o desejo de criar um produto que fugisse dos estereótipos e abordagens dramáticas comuns, especialmente no retrato da mulher negra, e que, ao invés disso, celebrasse a força, a liberdade e a leveza dessas mulheres e sua relação com o lugar que habitam. A narrativa transmitida é uma história de resistência e empoderamento, que é refletida tanto nas imagens quanto na forma do livro.

Figura 1. Mockup da capa do livro



Ao abrir o livro, é possível encontrar, inicialmente uma folha de guarda de tamanho 22,0 x 20,0 cm, de papel color plus preto, 120g.

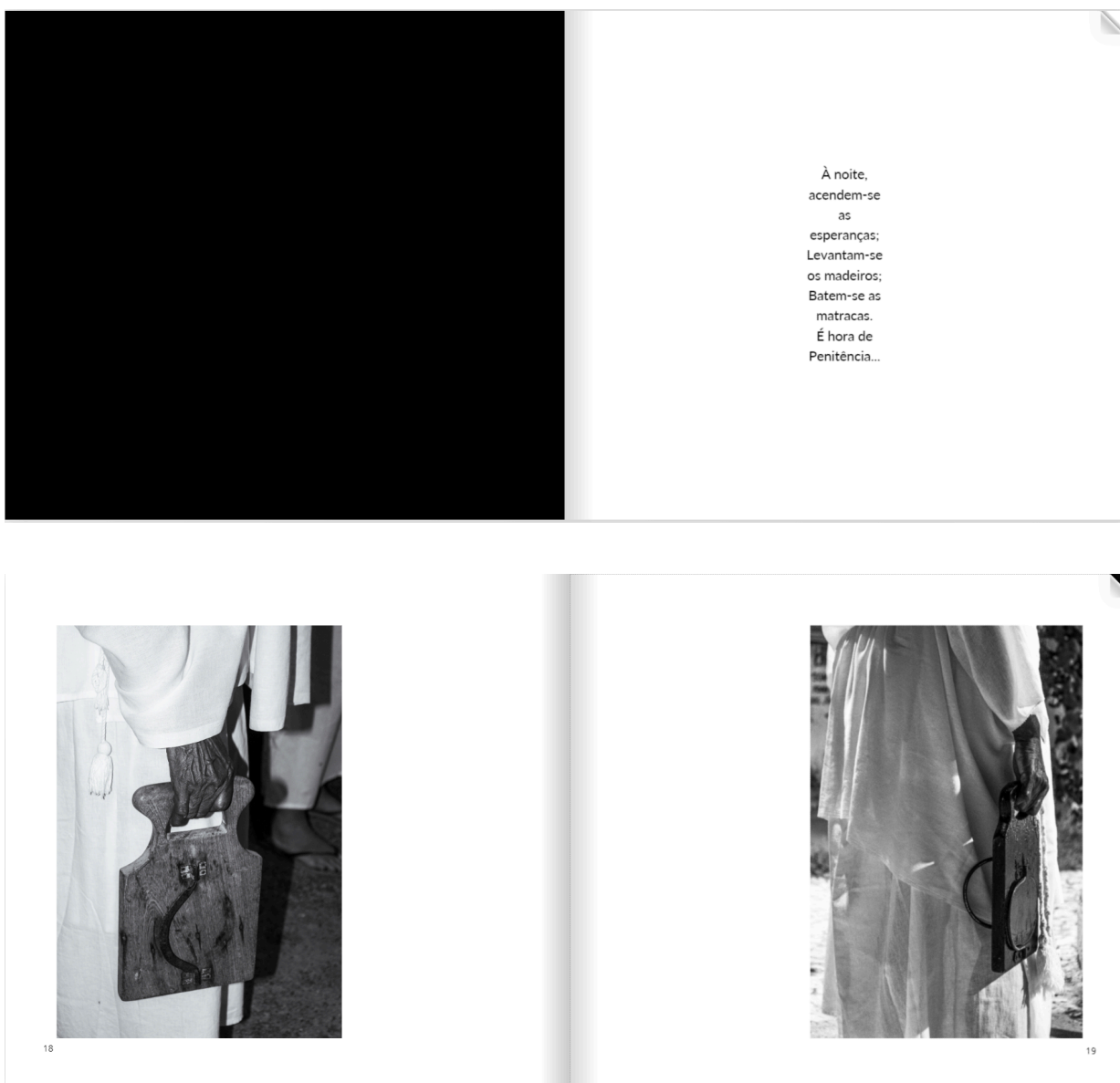
Figura 2. Mockup da folha de rosto



Na sequência, a folha de rosto com o nome do livro e da autora; em seguida, ficha técnica, dedicatória, agradecimentos, sumário, prefácio e apresentação. O livro começa com um poema, despertando a curiosidade e criando um ar de mistério.

Durante o desenvolvimento do livro, as imagens se conectam à narrativa das obras, despertando a curiosidade sobre as práticas retratadas. Quando uma página contém mais de uma fotografia, elas são dispostas de maneira a manter um contexto comum ou a serem provenientes do mesmo local, visto que todas as imagens foram capturadas entre Rodeadouro e Juazeiro.

Figura 3. Mockup do interior do livro



MORTALHA



28

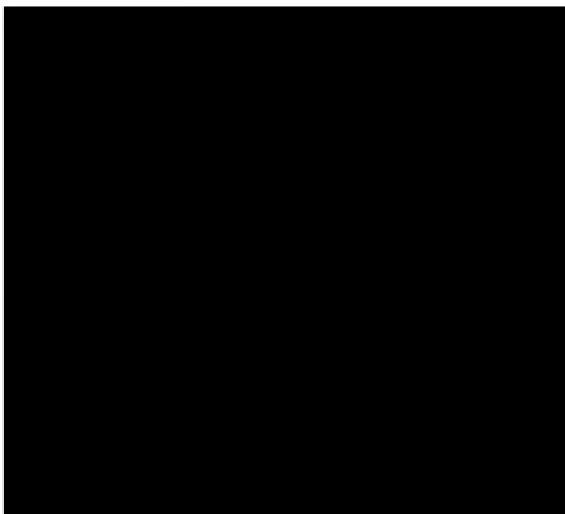
29



46



47



No coração de
Juazeiro, o legado
permanece,
Jesulene, 84, com
a mesma fé, a
tradição
permanece.
De mãe para filha,
a liderança se
transfere,
e o cordão das
Alimentadeiras,
firme, se sustenta
e não perece.

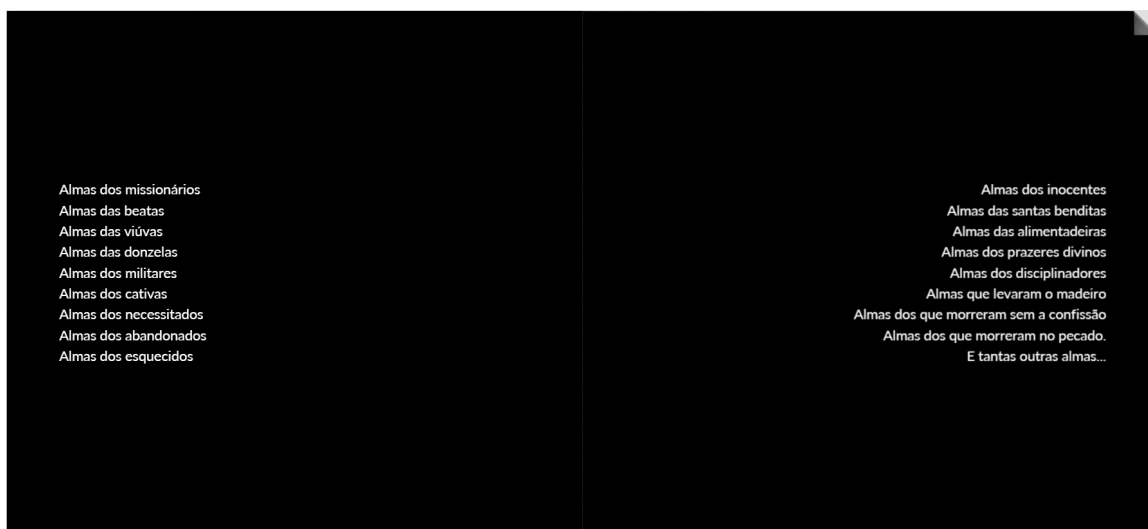


52



53

Figura 4. Mockup da penúltima página e capa final



O livro se encerra, com a penúltima página sendo uma homenagem a todas as almas pelas quais as Alimentadeiras rezam, e a capa final, um registro de uma penitente segurando o madeiro, em um momento de incensar o cruzeiro, em forma de purificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Alimentadeiras” começou em 2018, quando ingressei na universidade. Nesse período, tive acesso a uma série de informações e conhecimentos que despertaram meu interesse pelo tema. Além de já ser uma Alimentadeira/penitente e vivenciar essa experiência, também fui influenciada pelo contexto acadêmico, particularmente pela minha atuação como monitora de fotojornalismo sob a orientação da professora e doutora Márcia Guena.

Essa combinação de vivências pessoais e acadêmicas me proporcionou uma compreensão mais profunda do tema e alimentou minha paixão pela fotografia, ajudando a moldar o desenvolvimento deste trabalho. A partir dessa base, pude aprofundar ainda mais minha pesquisa e perceber o poder da fotografia como ferramenta de representação e valorização da cultura e das mulheres líderes das Alimentadeiras das Almas.

O trabalho representa, para mim, mais que um simples Trabalho de Conclusão de Curso. Ele simboliza um reencontro pessoal com minhas raízes e a concretização de um projeto iniciado anos atrás. Agora, tive a oportunidade de me envolver de maneira mais profunda com as mulheres fotografadas, mergulhando em uma descoberta estética que era nova para mim. Ao final do processo, percebo que muitas das concepções que antes considerava pré-determinadas na criação de uma imagem, já não fazem tanto sentido. Passei a me permitir fotografar não apenas o que eu achava que os outros gostariam de ver, mas também sentimentos, sensações e imagens que traduzem o imaginário do meu envolvimento com o local de pesquisa.

Ao refletir sobre os estereótipos que historicamente foram impostos às imagens de mulheres, acredito ter criado algo distinto, que valoriza o poder da mulher negra dentro de sua comunidade. A cultura, os hábitos e a história dessas mulheres merecem respeito, e acredito que o fotolivro contribui para esse reconhecimento, ao destacar o protagonismo das mulheres líderes de Alimentadeiras das Almas. A pesquisa teve como objetivo central evidenciar essas mulheres não apenas como líderes espirituais, mas como figuras essenciais na transmissão da cultura e religiosidade popular no Vale do São Francisco. O fotolivro, portanto, não apenas registra práticas e rituais, mas também celebra a resistência e a força dessas mulheres dentro de um contexto cultural e religioso complexo.

Ao adotar o formato do fotolivro, busquei criar uma narrativa visual rica e pessoal, integrando a metodologia da pesquisa e explorando a identidade e vivências das

protagonistas. O fotolivro, assim, não se limita a um produto acadêmico, mas se configura também como uma ferramenta de disseminação cultural, promovendo o respeito pela religiosidade popular e pelas mulheres que lideram esses movimentos. Ao compartilhar seus perfis, o fotolivro amplia os horizontes do conhecimento sobre essas práticas e seu significado profundo para as comunidades locais.

A escolha pela fotografia em preto e branco foi uma decisão estética deliberada. Através dessa abordagem, espero não apenas contribuir para a pesquisa acadêmica, mas também proporcionar uma representação autêntica e impactante das experiências vividas por essas mulheres. O preto e branco, como bem apontado por Susan Sontag (1977), transmite uma sensação de atemporalidade e universalidade, permitindo que o espectador se concentre na essência da imagem e na narrativa que ela carrega.

Esta abordagem é particularmente relevante ao retratar as experiências das mulheres nas Alimentadeiras das Almas, pois o contraste simbólico nas imagens em preto e branco reflete as dualidades enfrentadas por elas: força e vulnerabilidade, tradição e inovação. A obra de Sebastião Salgado (1997), que utiliza o preto e branco para capturar a dignidade humana em contextos adversos, foi uma referência importante para essa escolha.

Além disso, o fotolivro tem um papel importante na construção e no reforço da identidade local. Juazeiro, rico em tradições religiosas populares, encontra nas Alimentadeiras das Almas uma expressão cultural única, intimamente ligada à identidade social e religiosa da comunidade. Como afirma Hall (2006), a identidade é um processo contínuo de construção, que se dá através das práticas culturais e sociais que se entrelaçam com a história coletiva de um grupo. Nesse contexto, o fotolivro assume uma função fundamental de memória cultural e religiosa, transmitindo essa herança de uma forma muitas vezes invisível.

Em resumo, ao realizar este estudo, busquei preencher um vazio acadêmico, oferecendo uma contribuição relevante para pesquisadores e estudiosos interessados na liderança feminina no contexto cultural e religioso. O fotolivro, além de registrar práticas e rituais, reforça a memória e o reconhecimento das mulheres líderes que são fundamentais para a perpetuação da identidade religiosa e cultural do Vale do São Francisco.

A pesquisa focou em desenvolver os perfis de Dona Nenezinha e Dona Ovídia, destacando suas trajetórias e experiências que moldaram suas lideranças ao longo do tempo. Ambas se tornaram líderes dentro de suas comunidades de forma inesperada, assumindo

responsabilidades dentro dos cordões de Alimentadeiras após promessas feitas a suas mães, familiares ou amigas. Suas trajetórias foram marcadas por uma fé e um compromisso profundo com as práticas religiosas, enfrentando desafios como a diminuição de participantes e as mudanças sociais e culturais ao longo dos anos.

Analisando as narrativas sobre o surgimento de suas lideranças, ficou claro que ambas se veem como líderes não por escolha, mas por uma necessidade de garantir a continuidade das tradições. Para elas, a liderança vai além da esfera religiosa, sendo também um dever cultural e comunitário. A pesquisa também revelou o impacto dessas lideranças femininas na construção e transmissão da cultura local, evidenciando que, além de preservar as práticas, elas desempenham um papel essencial na continuidade cultural de suas comunidades.

Destaca-se, especialmente, o caso de Ovídia, devido à sua relação com a comunidade quilombola ser além das Alimentadeiras, influenciando novas gerações e garantindo resistência diante das adversidades do tempo. O legado de Dona Nenezinha e Dona Ovídia exemplifica como a liderança feminina se tornou um pilar fundamental para a continuidade das tradições e para a manutenção da cultura local em seus respectivos contextos.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson.** Fotoetnografia da biblioteca jardim. Tomo Editorial, 2004.
- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul; BALL, Nigel.** The fundamentals of graphic design. Bloomsbury Publishing, 2019.
- BADGER, Gerry.** Por que fotolivros são importantes. *Revista ZUM*, São Paulo, v. 8, 31 ago. 2015. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BARTHES, Roland et al.** La cámara clara: nota sobre la fotografía. 1981.
- BENJAMIN, Walter.** Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOOM, Mattie; PRINS, Ralph.** Photography between covers: the Dutch documentary photobook after 1945. Amsterdam: Fragment Uitgeverij, 1989.
- BUTLER, Judith.** Problemas de gênero: Feminismo e a subversão da identidade. 1990. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1tOKn6oMTa_sj9F3W7kLAdWvp9U-4bhD_/view. Acesso em: 20 out. 2024.
- CAETANO, Carlos Alberto.** As religiões de matrizes africanas como fenômeno de hibridação de culturas em Salvador, Bahia. 2016. 14 p. Não publicado. Disponível em: <file:///C:/Users/cmssantos/Downloads/ARTIGO%20SOBRE%20SINCRETISMO.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- CARVALHO, Luís Osete Ribeiro.** Caminhos da penitência: as alimentadeiras das almas de Juazeiro-BA. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios) – Departamento de Ciências Humanas III, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro, 2010.
- CRESWELL, J. W.** Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.
- DALY, Mary.** Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation. Boston: Beacon Press, 1973. Disponível em: <TRS-2018-02-Daly-Beyond-God-The-Father.pdf> (ipctacoma.org). Acesso em: 7 dez. 2024.
- DALY, Mary.** Gyn/ecology: The metaethics of radical feminism. Beacon Press, 1978. Disponível em: <https://frauenkultur.co.uk/wp-content/uploads/2020/05/GynEcology.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2024.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S.** O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Artmed, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7895700/mod_resource/content/1/2006_Denzin_planejamento%20da%20pesquisa%20qualitativa.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.
- DIDI-HUBERMAN, Georges; BRITO, Vanessa.** Imagens apesar de tudo. Kkym, 2012. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1rQlvUIGAXbD6ds_IH8HAJ1kib-FvRrLH/view?usp=sharing. Acesso em: 20 dez. 2024.

FONTANA, A. The interview: From structured questions to negotiated text. Handbook of qualitative research 2nd ed. Sage, 2000.

FREEMAN, Michael. O Olho do Fotógrafo. Bookman Companhia Editora, 2007.

GEBARA, Ivone. Mulheres, religião e poder: ensaios feministas. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/031820055/Downloads/Mulheres_religiao_e_poder_ensaios_femini.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

GEBARA, Ivone. A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. Disponível em: <https://archive.org/details/ivone-gebara-a-mobilidade-da-senzala-feminina>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. In: *A representação do eu na vida cotidiana*. 2011. p. 231-231.

GONÇALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas: Alinea, 2001. 80 p.

GROSS, Rita M. Feminism and religion: An introduction. Beacon Press, 1996.

HALBWACHS, Maurice. La memoria colectiva. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, p. 53-55, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. 2003.

LIMA, Cássio Felipe de. Fotografias de vivências: performances do corpo penitente em Guy Veloso. 2023. 131 f. Tese (Mestrado em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos) — Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2023.

MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen B. Designing qualitative research. Sage Publications, 2014.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. Análise de Dados Qualitativos: Métodos de Pesquisa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

NASCIMENTO, I. R. T. do. Patrimônio, cultura e história oral: possibilidades de ressignificação da memória a partir da fotografia. *Discursos Fotográficos*, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 175–190, 2021. DOI: 10.5433/1984-7939.2021v17n30p175. Disponível em: <https://www.revistas.uefs.br/index.php/DiscursosFotograficos/article/view/1940>. Acesso em: 7 dez. 2023.

NETO, Ruy. A fotografia em preto e branco. EPICS, 2023. Disponível em: <https://www.epics.com.br/blog/a-fotografia-em-preto-e-branco>. Acesso em: 9 nov. 2023.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. 1992. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_e_identidade_social_pollak.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

SALGADO, S.; FRANCO, I. Da minha terra à Terra. Tradução de Julia da Rosa Simões. [S. l.]: Paralela, 2014.

SECCO, Lorilei. Sebastião Salgado: uma fotografia e múltiplas possibilidades de interpretações. *Diálogo*, n. 46, p. 1-11, 2021.

SHANNON, 2010. The rise of the photobook in the twenty-first century. 2010. p. 12.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Luiza Malik. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Originalmente publicado em 1977. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1a-S5sgLe0vdZoyRkZphqHF8cd0p9mvQY/view?usp=sharing>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SZARKOWSKI, John. O olho do fotógrafo (The Photographer's Eye). 1966. Disponível em: <https://cdn.bookee.app/files/pdf/book/pt/o-olho-do-fot%C3%B3grafo.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2024.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, p. 98-109, 2006.

VANUCCHI, Elisângela; MELLO, Neli. Fotografia em preto e branco: arte, técnica e opção estética. *Revista Educação UNG*, São Paulo, v. 8, n. 1, 2013. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1395>. Acesso em: 5 dez. 2024.

VELOSO, Guy. Penitentes - dos ritos de sangue à fascinação do fim do mundo. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2019. 224 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- Nome, idade e naturalidade?
- De que maneira a tradição das Alimentadeiras foi transmitida para você e como você assumiu essa responsabilidade?
- O que significa para você ser líder de um cordão de "Alimentadeiras"?
- Quais são os maiores desafios que você enfrenta ao garantir que a tradição continue, mesmo com o número de membros diminuindo?
- Quais são as principais lições que você aprendeu ao longo dos anos liderando essa tradição e o que espera para o futuro dela?